

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

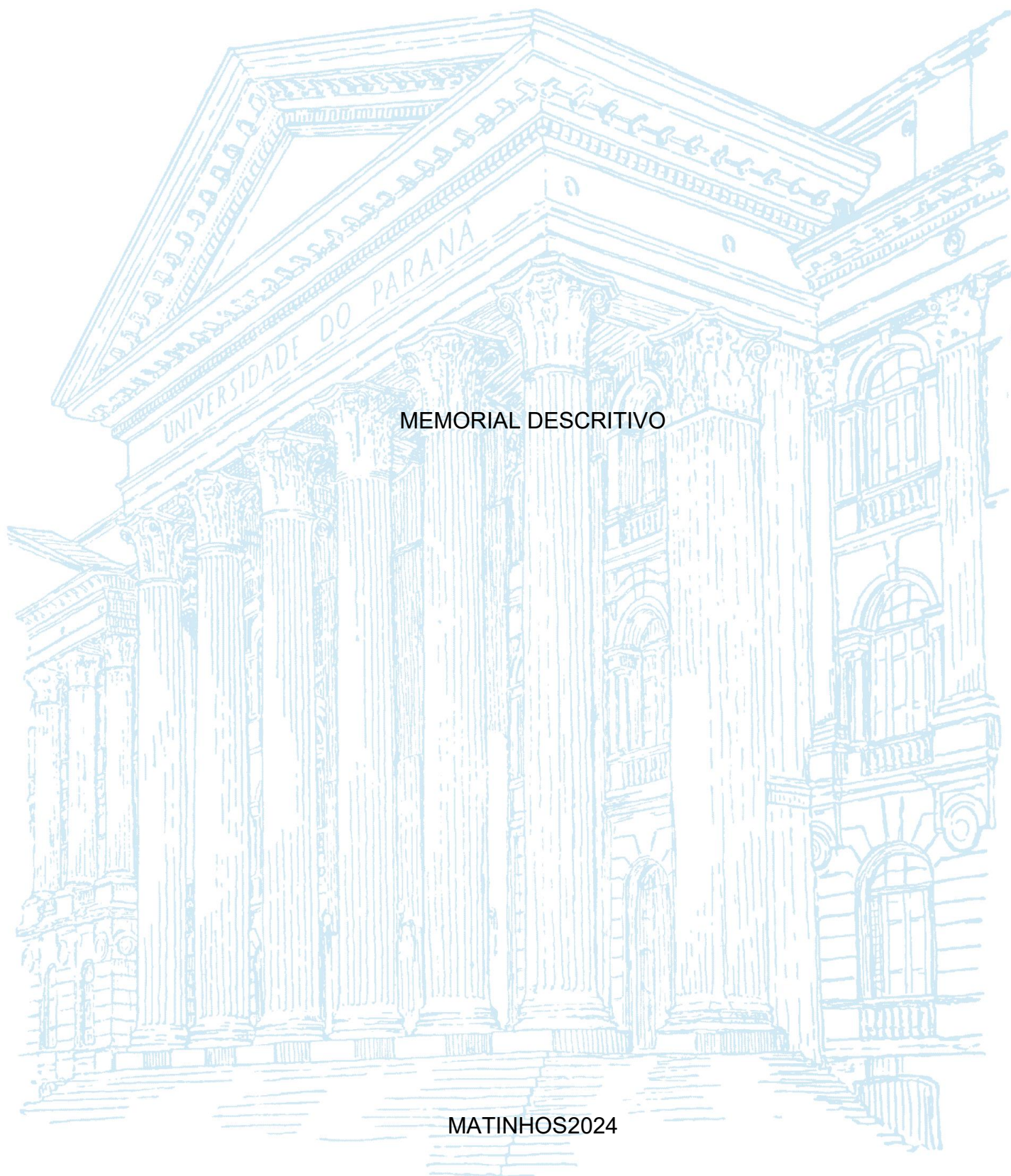
UFPR - LITORAL

LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

YHASMIN CORDEIRO CHAIM

MEMORIAL DESCRITIVO

MATINHOS2024



YHASMIN CORDEIRO CHAIM

MEMORIAL DESCRITIVO

Memorial Descritivo apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Paraná – Litoral, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.
Orientadora: Profa. Dra. Neusa Maria Tauscheck.

MATINHOS

2024

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 IDENTIFICAÇÃO	7
3 FORMAÇÃO ACADÊMICA	8
4 ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	54
5 AGRADECIMENTOS	57
6 ENCERRAMENTO.....	60
7 REFERENCIAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

Começo esse memorial descritivo falando que continuo perdida, mas já cheguei à conclusão que sou perdida. Queria também dizer que não gostaria de fazer no formato acadêmico, dentro da forma que as mãos invisíveis do Estado impõem. Queria mesmo era fazer um poema, um zine ou algo menos academicista, mas me falta tempo e talvez criatividade.

Desta forma, dou início à minha trajetória pessoal e acadêmica. Meus passos começaram bem antes da Licenciatura em Geografia - LiGeo. Já enfatizo que sou filha única de mãe solo e homossexual, o que faz toda a diferença na vida de mulheres. Minha mãe não conseguia nos dar uma estabilidade financeira e consequentemente emocional. Por essas e outras, quando as questões financeiras apertavam, ela me mandava morar com a minha madrinha, minha tia e minha vó. Trabalho desde os quinze anos de idade para ajudar minha mãe em casa. Talvez por isso a minha entrada tardia como educanda da LiGeo e educadora – não que haja um tempo “certo” para estudar; nunca é tarde para aprender – mas, de fato, sempre trabalhar como proletariado/precariado (Standing, 2014) afetou minha intimidade com os estudos. Tanto que larguei o ensino médio por um tempo, depois retornei, conclui e continuei trabalhando.

Foi aos vinte e dois anos que tive acesso a uma universidade, a própria Universidade Federal do Paraná – UFPR, porém em outro curso: Ciências Biológicas, ao qual já adianto que não conclui devido a vários fatores. Após abandonar esse curso, retornei para o leste paranaense, onde minha família por parte de mãe mora, e comecei a trabalhar em restaurantes e bares em Matinhos. Novamente, tive um súbito de inquietude a respeito dos estudos e me interessei em fazer um curso na UFPR – Setor Litoral. Escolhi a Licenciatura em Geografia, pois desde muito cedo, sempre tive uma curiosidade inata sobre o mundo ao meu redor, especialmente em relação às interações entre sociedade e ambiente. Essa inquietude me levou a optar pela Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral - (UFPR), onde busco não apenas entender os fenômenos territoriais, mas também refletir criticamente sobre as desigualdades sociais e ambientais que permeiam nossas vidas. Em 2021, dei início ao curso e continuei trabalhando em bares, restaurantes e estudando.

Em 2023, consegui entrar como PSS de professora de Geografia, o que me fez mudar completamente. A Licenciatura em Geografia me mudou profundamente, devido ao meu encontro como educadora de uma forma que realmente não achei que iria acontecer e também devido ao Projeto Político Pedagógico – PPP – Licenciatura em Geografia. Ao longo do curso, direcionei minha formação para a educação popular e metodologias ativas. Acredito que o ensino deve ser um espaço de diálogo e transformação, onde as vozes dos alunos sejam ouvidas e respeitadas. Meu interesse por práticas colaborativas se refletiu na elaboração de planos de aula alinhados, buscando sempre promover a participação ativa dos estudantes. Minha formação acadêmica se tornou um espaço de autodescoberta e resistência.

Meus objetivos profissionais são claros: quero me tornar uma educadora que inspire e forme novas gerações de pensadores críticos e atuantes. Planejo continuar minha trajetória acadêmica com uma pós-graduação, aprofundando meu conhecimento em temas como geografia crítica e educação emancipatória. Minhas linhas de preferência incluem o estudo das mudanças ambientais e suas implicações sociais, bem como a análise das políticas educacionais e suas influências ideológicas. Neste sentido, meu projeto de pesquisa, que explora a inserção de culturas contra-hegemônicas na educação brasileira, é uma extensão desse interesse. Acredito que a educação é uma ferramenta poderosa para a transformação social e pretendo utilizá-la para criar espaços de aprendizagem que valorizem a diversidade e promovam a equidade.

Em suma, minha trajetória até aqui tem sido uma construção contínua de saberes e práticas que visam não apenas minha formação pessoal, mas também uma contribuição significativa para a sociedade. Estou entusiasmada com as possibilidades que o futuro reserva e comprometida em fazer a diferença no campo da educação e da geografia.

Uma visão ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) do curso de Licenciatura em Geografia é um manifesto vibrante que se ergue como um farol para a formação de educadores comprometidos com a justiça social. Ao lermos suas diretrizes, somos levados a imaginar um futuro onde a educação transcende as barreiras do conhecimento tradicional, almejando uma autonomia intelectual que não apenas informa, mas também transforma. A proposta de formar profissionais com consciência política e um pensamento crítico e criativo é, sem dúvida, uma visão

idealizadora de uma educação que luta contra as opressões que permeiam a sociedade.

Entretanto, enquanto admiramos essa ambição, é fundamental refletir sobre como esses ideais serão efetivamente implementados no cotidiano da sala de aula. A ênfase em valores como o respeito às diferenças e a solidariedade é apreciável, mas surge a pergunta: como podemos garantir que esses princípios não sejam apenas palavras soltas em um documento, mas práticas vivenciadas e incorporadas na formação dos alunos? A crítica aqui se faz necessária, pois, sem uma estratégia clara para a realização desses objetivos, corre-se o risco de se tornar uma bela retórica, sem substância.

Além disso, a proposta de trabalho coletivo, comunitário e colaborativo se destaca como um pilar essencial da educação geográfica. Contudo, é crucial que essa colaboração não se limite a projetos superficiais, mas que se traduza em experiências profundas de aprendizado, onde cada voz, especialmente aquelas de grupos historicamente marginalizados, tenha espaço para ser ouvida e respeitada. Isso requer um comprometimento genuíno de todos os envolvidos, não apenas em momentos isolados, mas como uma prática contínua e sistemática.

O perfil do egresso, que clama por um compromisso ético com a educação pública e emancipatória, é verdadeiramente inspirador. É uma convocação à ação, uma chamada para que os futuros educadores sejam agentes de mudança em suas comunidades, atuando em prol de uma democracia participativa. No entanto, ao romantizarmos essa visão, é importante lembrar que a realidade muitas vezes desafia essas aspirações. As escolas enfrentam pressões externas, como a falta de recursos e a resistência a novas metodologias, que podem dificultar a realização desse ideal.

Portanto, ao finalizarmos essa reflexão, podemos celebrar a admiração e a força do PPP, que nos convida a sonhar com uma educação geográfica que é, antes de tudo, um ato de resistência e transformação. Mas, também, devemos manter um olhar crítico sobre como esses sonhos serão concretizados, garantindo que cada passo dado nessa jornada seja significativo e efetivo. Afinal, o desafio não é apenas formar licenciados em geografia, mas educadores que, providos com conhecimento e sensibilidade, se tornem verdadeiros defensores de um mundo mais justo e igualitário.

2 IDENTIFICAÇÃO

Nome: Yhasmin Cordeiro Chaim

Data de Nascimento: 18 de junho de 1990

Naturalidade: brasileira

Filiação: Universidade Federal do Paraná - UFPR – Setor Litoral

Estado Civil: Solteira

Onde Mora: Matinhos

3 FORMAÇÃO ACADÊMICA

Meu primeiro semestre na Licenciatura em Geografia foi uma experiência desafiadora e reveladora, marcada pela pandemia que transformou radicalmente a forma de aprender e ensinar. Comecei perdida, sem ter tido aulas EAD antes, e, mesmo com todas as dificuldades, fiz o possível para assistir às aulas síncronas, considerando que não tinha computador e trabalhava durante os horários das aulas. O acesso virtual foi um desafio constante, mas me forcei a participar das aulas assíncronas dentro do que estava ao meu alcance.

Nunca havia feito um portfólio, então me sentia ainda mais desorientada. A ideia de seguir um formato acadêmico convencional, imposto pelas mãos invisíveis do Estado, não me agradava. O desejo de expressar-me de forma mais criativa, como um poema ou um zine, permanecia frustrado pela falta de tempo e talvez pela falta de coragem.

Iniciei meu portfólio refletindo sobre o que significa ser professora. Fui introduzido ao Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso, à cartografia social, à Educação Popular, ao conceito de Bem Viver e aos projetos de aprendizagem. Embora essas palavras parecessem soltas no início, para mim elas se conectavam como um mapa conceitual, revelando a interconexão dos saberes que estava começando a absorver. Algumas leituras, como as de Paulo Freire e outros pensadores da educação popular, já me eram familiares, mas outras foram verdadeiras descobertas ao longo do semestre. A cartografia social, em particular, me proporcionou uma nova perspectiva sobre a relação entre geografia e educação popular.

1º semestre (01/2021)

1. **Educações, Escolas, Culturas e Sociedades:** Um mergulho profundo em leituras extensas que reforçaram minha visão de uma educação transformadora. O conhecimento adquirido aqui me orientou sobre como imagino que a educação deve ser.
2. **Integração Universitária e Reconhecimento do Litoral:** Este módulo teve uma conexão especial comigo, especialmente devido às obras de Ailton Krenak, que já admirava. Aprendi que o Bem Viver é mais do que um estilo de vida; é uma forma de se integrar à natureza de maneira coletiva. No entanto, a presença de "líderes espirituais" na discussão deixou a desejar, levantando questões sobre a representatividade e a diversidade de vozes.

3. **Interações Culturais e Humanísticas:** Minha experiência na ICH de capoeira foi transformadora, ampliando meu entendimento sobre a cultura e suas intersecções com a educação. Contudo, me incomodou a tentativa de um professor de discutir feminismo, sendo que não era seu lugar de fala.
4. **Projeto de Aprendizagem:** Continuei sem entender completamente o conceito, mas percebi que isso faz parte do processo formativo. Tive uma ideia vaga sobre um projeto relacionado a redescobrir trilhas em Matinhos, mas nada concreto ainda.
5. **Representações, Leituras e Análises Geográficas:** Este módulo me marcou profundamente, especialmente a parte sobre cartografia social. As conexões feitas aqui tornaram evidente como a educação popular se entrelaça com a geografia.

A carga de leituras foi intensa e, embora eu reconhecesse a importância delas, sentia que, como estávamos em um formato EAD, a experiência de aprendizagem estava limitada. A interação espontânea que poderia acontecer em uma sala de aula presencial era substituída por telas e conexões digitais. A aflição diante da quantidade de leitura era constante, mas a familiaridade com alguns textos antes de entrar na universidade me ajudou a não me sentir completamente sobrecarregada.

Para finalizar, deixo claro que não sou a favor de aulas presenciais enquanto houver pandemia. A saúde e o bem-estar devem ser prioridade, e a adaptação ao novo formato, embora desafiadora, também trouxe aprendizados valiosos. Essa trajetória foi um mosaico de descobertas, dificuldades e reflexões que moldaram minha visão de mundo e meu papel como futura educadora.

2º semestre (02/2021)

No período do segundo semestre, infelizmente, não consegui manter um portfólio atualizado ou organizado. Na época, não possuía computador próprio, o que tornou tudo ainda mais desafiador. Para acessar os materiais e realizar as atividades, eu dependia do computador do restaurante onde trabalhava. Isso dificultava a concentração e a organização, pois dividia meu tempo entre as obrigações do trabalho e as aulas, que ainda estavam sendo realizadas remotamente devido à pandemia de COVID-19.

Mesmo tentando ser o mais organizada possível, essa dinâmica de conciliar trabalho e estudos em um ambiente tão caótico prejudicou o registro adequado do

que produzi naquele semestre. Recentemente, ao tentar resgatar os arquivos e atividades, também não os encontrei no e-mail, o que me deixou frustrada. Essa situação reflete os desafios que enfrentei durante aquele período, onde cada dia era uma batalha para equilibrar responsabilidades e avançar nos estudos, mesmo sem os recursos necessários para acompanhar tudo da maneira ideal.

Lembro-me claramente dos módulos que cursei naquele semestre, que foram: *Análise Geográfica e as Inter-relações Campo-Cidade*, *Direitos, Justiça Social e Produção dos Territórios*, e *Educação, Abordagens Pedagógicas e Processos de Aprendizagem*. Todos eles contribuíram significativamente para minha formação, ampliando minha visão sobre os processos geográficos e educativos, mas, infelizmente, não consigo encontrar os materiais que produzi na época.

3º semestre (01/2022)

Traçar minha trajetória durante o 3º semestre de Licenciatura em Geografia foi um misto de desafios pessoais e conquistas acadêmicas. Iniciei o semestre no meio de tempestades pessoais e profissionais. Estava exausta, trabalhando em cozinhas de Matinhos em condições precárias, o que quase me levou a desistir. No entanto, persisti, e essa luta interna acabou por moldar minha visão crítica e minha maneira de absorver os conteúdos dos módulos cursados.

1. Compreensão do Sistema Mundo I

Esse módulo me levou a entender mais profundamente os processos ecológicos que moldam o nosso planeta. O estudo de biomas, climas e geologia expandiu minha visão sobre a interconectividade da Terra e os impactos das atividades humanas nos ciclos naturais. Através das discussões sobre os climas e biomas brasileiros, comecei a perceber o quanto o território brasileiro é diverso e frágil, o que reforçou meu compromisso com uma educação que sensibilize os alunos para a sustentabilidade. O campo da geografia física me revelou como as características naturais do planeta são essenciais para entender questões globais como as mudanças climáticas.

2. Fundamentos e Estruturas das Educações

Esse foi o módulo que mais me trouxe uma perspectiva crítica sobre o sistema educacional brasileiro. A análise histórica das reformas educacionais me fez compreender as diferentes forças políticas que influenciaram a educação no país ao longo do tempo, desde o liberalismo até os movimentos sociais do campo. Percebi como as políticas educacionais sempre estiveram ligadas a interesses ideológicos, e

isso me instigou a pensar em como inserir práticas pedagógicas mais inclusivas e críticas nas escolas, especialmente em tempos de retrocessos políticos. A leitura de Saviani foi transformadora nesse sentido, reforçando meu desejo de lutar por uma educação que promova a emancipação social e crítica dos estudantes.

3. Interações Culturais e Humanísticas

Esse módulo foi, sem dúvida, o mais humano e emocionante de todos. Ao ouvir as histórias locais de Matinhos, relatadas por membros da comunidade, percebi o valor da memória e das narrativas culturais como ferramentas pedagógicas. Encontros com figuras como o pescador Neri e a família Ramos trouxeram uma nova dimensão à minha compreensão sobre o território, que não é apenas físico, mas também construído por relações sociais e culturais. Isso me motivou a refletir sobre como as histórias locais podem ser integradas ao ensino de geografia, valorizando as experiências dos estudantes e suas comunidades.

4. O Território Brasileiro na Contemporaneidade

Nesse módulo, a discussão sobre tecnologia e suas implicações para o futuro do território foi desafiadora. Os debates sobre tecnopolítica, inteligência artificial e o impacto das novas tecnologias no espaço geográfico me fizeram perceber que a geografia não é estática, mas se transforma com o tempo. A introdução a conceitos como viés cognitivo e invariáveis também foi um ponto de virada, mostrando-me como devemos questionar e analisar criticamente as informações e as tecnologias que moldam nossa sociedade. A partir desse módulo, comecei a olhar para a geografia de maneira mais ampla, compreendendo a relação entre território, poder e tecnologia de uma forma mais crítica.

5. Projeto de Aprendizagem

O Projeto de Aprendizagem foi uma oportunidade de mergulhar em temas que me interessam e me desafiam. Inicialmente, pensei em algo relacionado a trilhas ecológicas, mas acabei me afastando dessa ideia em busca de algo mais centrado na prática pedagógica e participativa. Acredito que essa mudança foi motivada pela minha busca constante de formas de tornar o ensino de geografia mais acessível e envolvente para os alunos. Ainda estou em processo de pesquisa, mas o que ficou claro é que quero trazer práticas mais colaborativas e interativas para dentro da sala de aula, onde os alunos possam se ver como protagonistas do aprendizado.

O 3º semestre foi um ponto de virada transformador, tanto pessoal quanto profissionalmente. Apesar dos inúmeros percalços, como o desgaste físico e emocional, a imersão nas discussões acadêmicas e leituras possibilitaram um novo olhar sobre a educação e a vida. O contato com questões ambientais, políticas educacionais e as histórias locais de Matinhos foram decisivos para expandir minha visão crítica sobre o mundo, ajudando-me a ressignificar aspectos importantes da minha trajetória.

Mesmo diante de desafios pessoais, consegui absorver os conteúdos dos módulos e contribuir significativamente. Esse período me fez refletir sobre o potencial transformador da educação e meu papel como futura educadora. As temáticas abordadas — desde o meio ambiente até a tecnologia e a cultura — reforçaram minha vontade de atuar de maneira crítica e consciente, sempre em busca de um mundo mais justo.

O portfólio desse semestre representa, assim, um marco importante, não apenas na minha formação acadêmica, mas também no desenvolvimento da mulher e educadora que estou me tornando.

4º semestre (02/2022)

O quarto semestre foi um período marcante, especialmente devido à transição constante entre a educação presencial e online, reflexo ainda da pandemia de COVID-19 e seus desdobramentos. Esse semestre proporcionou a mim não apenas o aprofundamento de conhecimentos teóricos em geografia, mas também a oportunidade de refletir sobre as metodologias pedagógicas e seus impactos na educação básica.

Durante o segundo semestre de 2022, minha trajetória acadêmica foi marcada por transformações profundas, em grande parte, causadas pelos módulos que cursei no curso de Geografia. Cada um deles trouxe reflexões que mudaram a forma como eu enxergava o mundo, o território e as dinâmicas humanas. As discussões em sala de aula e as leituras sugeridas ampliaram meu entendimento sobre o papel da Geografia na compreensão do espaço em que vivemos e nas múltiplas formas de interações territoriais. Além disso, esses módulos contribuíram para moldar minha identidade como educadora, crítica e consciente das complexidades que envolvem o ensino.

1. Compreensão do Sistema Mundo II

O módulo Compreensão do Sistema Mundo II foi especialmente relevante para ampliar minha visão sobre o espaço geográfico e suas interações. Ao focar na América do Sul e em referências femininas, esse módulo me proporcionou uma imersão em questões territoriais, políticas e culturais que frequentemente passam despercebidas. A leitura de *O Conceito de Território no Brasil: Entre o Urbano e o Rural*, de Eliseu Savério Sposito e Marcos Aurelio Saquet, trouxe à tona as múltiplas camadas que envolvem o conceito de território, mostrando como ele pode ser compreendido de diferentes formas por diversos autores.

Essa diversidade de entendimentos sobre o território foi um ponto que me impactou profundamente. O texto apontou que o território não é um conceito fixo, mas sim algo fluido, que se adapta a diferentes contextos e escalas, desde as grandes territorializações até as micro territorialidades. Essas últimas, em especial, revelam os conflitos invisíveis que acontecem no cotidiano das cidades e das áreas rurais, onde movimentos sociais, processos de territorialização do capital e disputas por recursos moldam a vida dos habitantes de forma constante.

Além das leituras teóricas, o documentário *Wherá Tupã e o Fogo Sagrado* também deixou uma marca significativa em minha formação. A sensibilidade com que os povos indígenas falavam sobre o fogo sagrado e os rituais de cura me tocou profundamente, revelando outra perspectiva sobre o território – uma perspectiva espiritual e comunitária, muito diferente das concepções ocidentais. As discussões geradas em sala de aula foram essenciais para conectar essas ideias à realidade dos povos originários, que ainda lutam pela preservação de suas terras e culturas.

2. Educação Geográfica

O módulo Educação Geográfica foi um dos mais importantes na minha formação como educadora. Nele, exploramos profundamente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seus objetivos e limitações no ensino da Geografia. Apesar de reconhecer que a BNCC possui muitas falhas e restrições que acabam podando a criatividade e a autonomia do professor, entendi que, ao conhecê-la em detalhes, podemos usar suas brechas para promover uma educação mais crítica e reflexiva.

Nesse módulo, compreendi como o conhecimento geográfico é construído em diferentes etapas do ensino, desde os anos iniciais até os finais do ensino médio. A elaboração de planos de aula e a prática pedagógica através de jogos e atividades interativas me mostraram que é possível ensinar Geografia de uma maneira mais envolvente, onde os estudantes não apenas memorizam informações, mas conseguem visualizar, relacionar e interpretar espacialmente os fatos e fenômenos ao seu redor.

Esse aprendizado foi transformador, pois me fez perceber o impacto que a Geografia pode ter na formação cidadã dos alunos. O território deixou de ser visto apenas como algo físico e passou a ser compreendido também como um espaço social, onde ocorrem interações, disputas e dinâmicas que moldam a vida das pessoas. A partir dessa visão, o planejamento coletivo das atividades pedagógicas se tornou uma ferramenta essencial para garantir que o ensino de Geografia aborde de forma crítica as questões espaciais que afetam a sociedade.

3. Interações Culturais e Humanísticas

Durante o semestre em que cursei os módulos de **Arqueologia** e **Antropologia**, minha visão de mundo foi profundamente impactada. Esses dois módulos, ministrados pelo mesmo professor, se complementavam em suas abordagens e trouxeram discussões que iam além da tradicional visão acadêmica, abrangendo temas como tecnologia, evolução, filosofia e biologia. Foi uma experiência rica em interdisciplinaridade, que me fez questionar e repensar muitos conceitos que eu havia tido até então.

A partir das leituras e discussões, percebi como a tecnologia está moldando o presente e o futuro, não apenas em termos de avanços, mas também em como influenciemos e somos influenciados por ela. As conversas sobre tecno-política, inteligência artificial e viés cognitivo me abriram os olhos para as implicações éticas e sociais da evolução tecnológica. O fato de que estamos, cada vez mais, conectados 24 horas por dia, sete dias por semana, me fez refletir sobre a noção de trabalho e descanso na sociedade contemporânea. Essa reflexão foi reforçada pela leitura do livro *24/7: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*, que me trouxe uma visão

perturbadora do impacto do capitalismo na nossa vida cotidiana, especialmente no que diz respeito à falta de desconexão e à constante disponibilidade exigida pelo mercado.

Outro ponto que marcou profundamente minha jornada nesses módulos foi o estudo dos Sítios de Sambaquis e a etnoarqueologia indígena na costa oeste do Paraná. Onde pude ver de perto os vestígios deixados por povos antigos e compreender como essas comunidades viviam e interagiam com o meio ambiente. O contato com essas evidências materiais da história dos povos originários me fez repensar a importância da preservação do patrimônio cultural e natural. Os sambaquis, mais do que simples montes de conchas e ossos, são testemunhos de civilizações que coexistiram com a natureza de maneira respeitosa, algo que muitas vezes falta à sociedade contemporânea.

Discutíamos em sala de aula como as narrativas históricas e arqueológicas podem ser distorcidas por interesses políticos ou econômicos, vi como a arqueologia pode ser uma ferramenta poderosa para recuperar vozes silenciadas. Foi um momento em que percebi como o conhecimento acadêmico pode (e deve) ser usado para desafiar hegemonias e valorizar saberes indígenas, ancestrais e locais.

O módulo também abriu um leque de possibilidades ao abordar temas contemporâneos, como as operações psicológicas e o papel da geopolítica no mundo moderno. A discussão sobre os manuais de operações psicológicas me fez perceber como o controle mental e social não é algo novo, mas sim uma prática que evoluiu com o tempo, sendo hoje potencializada pelas tecnologias digitais. Essa abordagem, que parecia complexa no início, se mostrou essencial para entender como a informação e a manipulação são usadas para moldar comportamentos e consolidar poderes.

Uma das leituras que mais me impactou foi "*O Estado como Fazenda de Domesticação*". Esse texto propunha uma visão do Estado como um aparato de controle, não apenas sobre os corpos, mas também sobre as mentes dos cidadãos. A reflexão sobre como o Estado opera através de múltiplos canais de poder me fez questionar a própria natureza das instituições em que vivemos e o papel da geografia no entendimento dessas dinâmicas. Essas discussões estavam sempre

conectadas ao presente, permitindo que eu traçasse paralelos com a vida contemporânea e as tensões geopolíticas que enfrentamos hoje.

Embora os vídeos sugeridos pelo professor tivessem um papel importante no curso, confesso que minha maior atenção foi direcionada às leituras. Entre elas, as que mais me marcaram foram justamente aquelas que me ajudaram a fazer conexões entre o passado e o presente, entre as tradições e as inovações tecnológicas. A diversidade dos temas abordados nesse módulo tornou a experiência acadêmica extremamente enriquecedora, não de uma forma linear, mas em um movimento constante de reflexão, desconstrução e reconstrução de ideias.

Esses módulos não apenas ampliaram minha compreensão sobre arqueologia e antropologia, mas também sobre a complexidade das relações humanas com o território, com a cultura e com a tecnologia. Saí dessas aulas com a certeza de que o estudo da geografia vai muito além da análise de mapas e fenômenos físicos. Trata-se de uma ciência que nos ajuda a entender as camadas invisíveis que moldam o mundo, desde as relações de poder até as transformações tecnológicas que afetam profundamente a nossa existência.

Esses aprendizados, discussões em sala de aula, transformaram minha forma de ver o mundo e, principalmente, a minha prática como educadora. A partir dessas experiências, percebi a importância de uma educação que valorize o pensamento crítico e a interdisciplinaridade, e que desafie os estudantes a verem o mundo de maneira mais ampla e complexa.

4. Territórios em Disputa

No módulo Territórios em Disputa: Territórios, Planejamento, Regionalização, Fluxos e Redes, mergulhei ainda mais nas complexidades que envolvem a disputa por territórios. As leituras críticas sobre planejamento territorial e regionalização revelaram como o território é constantemente disputado e reconfigurado, seja por forças políticas, econômicas ou sociais. Esse módulo foi essencial para que eu compreendesse como as redes de fluxos globais impactam as dinâmicas regionais, criando tensões e disputas que afetam diretamente a vida dos habitantes locais. pude ver de perto como o território não é algo estático, mas sim um espaço em constante transformação, onde múltiplas forças se encontram e se

chocam. Essa experiência me fez enxergar a Geografia como uma ciência viva, que está em constante diálogo com as realidades sociais e políticas do mundo.

5. Projeto de Aprendizagem

O Projeto de Aprendizagem, foi um espaço de experimentação e criatividade. Nele, pude desenvolver práticas participativas voltadas para o ensino de Geografia, criando atividades que promovem a interação dos alunos com o conteúdo de forma dinâmica e envolvente. Durante o semestre, inspirei-me na Copa do Mundo para criar jogos educativos que abordavam temas geográficos, e percebi como é possível integrar o lúdico ao ensino, tornando o aprendizado mais acessível e interessante para os estudantes.

Esse módulo também me permitiu explorar diferentes métodos de ensino, ampliando minha visão sobre como tornar a sala de aula um espaço mais colaborativo e democrático. A criação de jogos e atividades participativas foi um exercício que me fez refletir sobre a importância de engajar os alunos no processo de aprendizagem, não apenas como receptores de conhecimento, mas como participantes ativos na construção do saber.

A conclusão dos módulos que cursei no segundo semestre de 2022 vai além de uma simples assimilação de conteúdo. Eles foram um divisor de águas na maneira como passei a perceber o mundo e, principalmente, o papel da Geografia na educação e na sociedade. Os debates intensos em sala de aula e as atividades fizeram com que eu vivenciasse a Geografia em suas múltiplas dimensões, não apenas como uma ciência estática, mas como um campo de saber dinâmico, profundamente interligado às questões sociais, culturais, políticas e econômicas.

Cada módulo contribuiu para expandir minha visão crítica e reflexiva sobre o território, permitindo-me enxergar as complexidades que estão subjacentes às relações humanas com o espaço. O estudo das disputas territoriais, da interação entre diferentes culturas e da forma como a tecnologia está remodelando as nossas vidas abriu meus olhos para o fato de que a Geografia é uma ferramenta essencial para a compreensão das dinâmicas globais e locais. Através das leituras e atividades propostas, aprendi que o território é, ao mesmo tempo, um palco de conflitos e de resistência, onde forças hegemônicas e contra-hegemônicas se encontram e se enfrentam constantemente.

Essa formação me deu a certeza de que a Geografia é uma ciência essencialmente política, que nos ajuda a compreender as estruturas de poder, as desigualdades sociais e as formas de resistência que emergem em diferentes contextos territoriais. Ela não se limita ao estudo de mapas ou de fenômenos naturais, mas se apresenta como uma poderosa ferramenta para analisar e intervir nas realidades sociais, políticas e culturais que moldam a vida cotidiana.

Concluo que os módulos não apenas transformaram minha leitura de mundo, mas também consolidaram em mim o compromisso de usar a Geografia como um meio de promover a justiça social, a valorização das culturas diversas e a compreensão crítica dos desafios globais e locais. A partir dessa formação, sinto-me preparada para atuar como uma educadora capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e consciente das interconexões que definem o nosso mundo.

5º semestre (01/2023)

O quinto semestre trouxe a oportunidade de explorar profundamente temas fundamentais para a prática pedagógica e a compreensão de questões socioambientais, políticas e culturais. Nos módulos de *Natureza e Espaço Geográfico*, *Estágio I: Questões Democráticas da Educação*, *Globalização e Geopolítica*, *Interações Culturais e Humanísticas*, e o *Projeto de Aprendizagem*, mergulhei em leituras e discussões que impactaram significativamente minha visão de mundo.

1. Natureza e Espaço Geográfico: Um Olhar sobre o Mundo

Esse módulo abordou a relação entre conceitos como "natureza" e "espaço geográfico", destacando como eles se transformam com o tempo e em diferentes contextos culturais. A primeira parte do curso, com o professor Felipe, nos levou a refletir sobre a importância do conceito de "socioambientalismo". Exploramos as ideias sobre natureza na geografia clássica e contemporânea, incluindo visões como a romântica, naturalista e utilitarista, que veem a natureza como um recurso a ser explorado, em contraste com perspectivas socioambientais que enfatizam a interdependência do ser humano e do meio. Essa discussão trouxe uma visão que conecta a Geografia com as questões sociais, refletindo como tudo está interligado. Esse conceito foi ainda mais aprofundado com a professora Letícia, que nos trouxe o texto "Um antigo (e ainda atual) debate: a divisão e a unidade da Geografia", de

Dirce Suertegaray. Suertegaray critica a divisão entre geografia física e humana, propondo uma visão holística das interações sociedade-natureza e a necessidade de superarmos essa dicotomia para entender os desafios contemporâneos das cidades e dos territórios de conservação ambiental. Esse debate reforçou minha visão crítica sobre como a Geografia deve estar atenta às relações socioespaciais.

2. Estágio I: Questões Democráticas da Educação

O módulo sobre questões democráticas da educação, mediado pelo livro *Ensinando a Transgredir*, de Bell Hooks, foi central para entender o papel do educador como agente de mudança social. Hooks enfatiza a educação como um ato de resistência para alunos marginalizados, principalmente negros, criando um espaço de liberdade e construção coletiva. Suas reflexões sobre o ambiente escolar como um espaço de emancipação e a sala de aula como um local de prazer e de engajamento me inspiraram a repensar a própria dinâmica do aprendizado. Para hooks, o professor deve reconhecer e valorizar a presença e participação de cada aluno, promovendo um ambiente onde o prazer e a colaboração são fundamentais para o aprendizado.

A leitura foi uma verdadeira revelação para mim, especialmente pelo contraste que Hooks faz entre uma educação que liberta e uma educação tradicional, vista como opressiva. Ao narrar suas experiências em escolas segregadas, Hooks descreve como os professores negros que a inspiraram estavam dedicados a uma educação contra-hegemônica, conectada à realidade de seus alunos. Esse modelo desafiador de ensino, que resiste à visão bancária tradicional, reforçou minha convicção de que a educação pode e deve ser uma prática de liberdade e que é papel do educador construir um espaço seguro e democrático em sala de aula.

3. Globalização e Geopolítica

Guiados pelo professor Luiz Rogério, o módulo de *Globalização e Geopolítica* trouxe uma análise profunda sobre a complexidade da globalização, destacando como ela intensificou desigualdades socioeconômicas e gerou o "Precariado", termo cunhado por Guy Standing para definir a classe trabalhadora que sofre com a precarização do trabalho. Esse conceito me trouxe uma reflexão intensa sobre as contradições do capitalismo contemporâneo e como ele gera trabalhadores sem garantias mínimas de emprego, o que interfere diretamente na dignidade humana.

No texto de Donna Haraway, *Ficar com o problema: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno*, abordamos a ideia de que devemos "ficar com o problema" do capitalismo e da exploração ambiental ao invés de buscar soluções rápidas que só perpetuam a lógica de dominação. Haraway propõe o conceito de *Chthuluceno*, um futuro em que seres humanos e natureza coexistem de forma simbiótica, respeitando os limites do planeta. Essa leitura trouxe uma perspectiva nova sobre as responsabilidades do educador em despertar uma consciência ambiental e de justiça social em seus alunos, desafiando a alienação imposta pelas grandes corporações que promovem práticas insustentáveis.

4. Interações Culturais e Humanísticas

No módulo de *Interações Culturais e Humanísticas*, refletimos sobre a importância da diversidade cultural e do respeito às identidades nas práticas educacionais. Discutimos as políticas educativas e o papel da família e da comunidade no ambiente escolar, com o objetivo de construir uma escola que seja verdadeiramente inclusiva e democrática. Através de discussões e leituras sobre gestão democrática e a relação entre a escola e a comunidade, compreendemos que o sucesso de um projeto pedagógico depende de envolver todos os agentes, valorizando a voz de cada membro da comunidade escolar.

Esse módulo reforçou em mim a convicção de que a Geografia deve ser um campo que promove o respeito pela diversidade e pelas diferenças culturais. A partir dessas discussões, vi que é possível criar estratégias que valorizem as diferentes experiências culturais, integrando-as ao conteúdo das aulas de Geografia e promovendo o engajamento dos alunos. Esse aprendizado foi fundamental para o desenvolvimento de uma visão mais abrangente da importância da escola como um espaço que acolhe e respeita a multiplicidade cultural dos estudantes.

5. Projeto de Aprendizagem

O *Projeto de Aprendizagem* surgiu como resposta à dificuldade de captar o interesse dos alunos e à falta de materiais práticos acessíveis. Inspirada em livros como o *Geografia para o Ensino Médio: Manual de Aulas Práticas*, de R.S.A.M. de Freitas, comecei a formular a ideia de criar um banco de práticas pedagógicas colaborativo, que fique disponível online. Esse banco de dados serviria como uma plataforma onde professores poderiam compartilhar e acessar diferentes metodologias e atividades práticas, enriquecendo o ensino da Geografia e tornando-o mais acessível e participativo.

Esse projeto é uma tentativa de superar o ensino tradicional, que muitas vezes se torna tedioso e afastado da realidade dos alunos, e construir um espaço de troca e aprendizado prático, colaborativo. Desejo que ele se torne uma ferramenta para os professores de Geografia de todo o Brasil, que poderão encontrar ali práticas inovadoras e interativas para o ensino dessa disciplina. Este módulo, sem dúvida, reforçou em mim a importância de inovar na educação, buscando sempre metodologias que valorizem o protagonismo dos alunos e promovam o aprendizado ativo.

Ao longo do semestre, cada módulo contribuiu para aprofundar meu entendimento da Geografia como ciência e prática social, reforçando a importância da educação democrática e inclusiva. As leituras de autores como Bell Hooks, Marilena Chauí, Donna Haraway e Dirce Suertegaray transformaram minha perspectiva de mundo, inspirando uma prática pedagógica crítica e engajada com questões ambientais, sociais e culturais. As atividades interativas permitiram uma visão prática e aplicada do conhecimento, destacando a importância de envolver os alunos em atividades que os conectem com o território e os desafios do mundo contemporâneo.

Esse semestre marcou um ponto de inflexão em minha trajetória como futura professora de Geografia, impulsionando-me a buscar metodologias que promovam a prática da liberdade e a construção de um ambiente educacional inclusivo, onde cada aluno se sinta respeitado e engajado no processo de aprendizagem.

6º semestre (02/2023)

O sexto semestre da Licenciatura em Geografia tem sido um período de intensas aprendizagens e desafios. Com módulos como "Compreensão do Sistema Mundo III" e "Interações Culturais e Humanísticas", explorei temas como o conflito no Oriente Médio, a Palestina, e a importância da dança como expressão cultural. Também tivemos experiências práticas e teóricas, como a dança de salão e a análise crítica de temas globais. Esse semestre foi marcado pela tentativa de conciliar teoria e prática, promovendo um entendimento mais profundo dos aspectos sociais, culturais e geográficos que moldam nosso mundo.

1. Estágio II: O Educador Geógrafo E Os Espaços Escolares

O módulo Estágio II: O Educador Geógrafo e os Espaços Escolares proporcionaram uma reflexão essencial sobre a formação docente e o papel do estágio supervisionado na consolidação da identidade profissional. Ele me desafiou

a analisar criticamente a integração entre teoria e prática na docência, destacando tanto os avanços quanto os desafios do estágio supervisionado no Brasil e em outros contextos internacionais.

O artigo de Marina Cyrino e Samuel Neto, que aborda experiências brasileiras e internacionais no estágio supervisionado, foi fundamental para compreender como diferentes abordagens podem enriquecer a formação de professores. Fiquei particularmente impressionada com iniciativas como a Residência Pedagógica da UNIFESP e o programa da USP/Ribeirão Preto, que valorizam a troca entre universidade e escola, além da mediação de técnicos e mentores. Contudo, também ficou evidente o desafio da falta de integração efetiva entre instituições formadoras e estagiadas, algo que precisa ser revisto para fortalecer a formação docente.

No âmbito internacional, exemplos como o sistema canadense e os Institutos Universitários de Formação dos Professores na França me fizeram refletir sobre o quanto ainda podemos aprender em termos de estruturação e valorização do estágio. Especialmente, a ênfase em parcerias e na presença de mentores experientes mostrou-se um ponto comum entre os países que têm sucesso nessa área, reforçando a importância de construir redes colaborativas na formação de professores.

Já o texto de Maurice Tardif foi um convite a pensar na complexa relação entre saberes profissionais e conhecimentos universitários. A ideia de que os saberes profissionais dos professores são moldados pela história de vida e pelo contexto de trabalho me ajudou a perceber a riqueza e a singularidade que cada professor traz para a prática pedagógica. A epistemologia da prática profissional apresentada no texto me inspirou a valorizar a "sabedoria do ofício", que muitas vezes está ausente nos currículos formais de formação.

Por outro lado, as crises apontadas por Tardif — como a crise da ética e da perícia profissional — são um alerta sobre a fragilidade do profissionalismo em um cenário de mudanças rápidas e incertezas. Como futura educadora geógrafa, reconheço a necessidade de alinhar a prática docente a valores éticos sólidos e a uma visão crítica sobre o papel da educação na sociedade.

Durante o módulo **Estágio II: O Educador Geógrafo e os Espaços Escolares**, pude refletir criticamente sobre os textos estudados, que abordam aspectos fundamentais da prática docente e da pesquisa em contextos

educacionais, destacando a relevância da ação-reflexão no processo de formação de educadores.

O texto **"A investigação-ação e a construção de conhecimento profissional relevante"**, de Julia Oliveira-Formosinho, revelou como a investigação-ação é uma ferramenta essencial para a formação de profissionais reflexivos, promovendo a integração entre teoria e prática e contribuindo para a emancipação dos sujeitos envolvidos no contexto educacional. Isso me fez repensar a escola como um espaço dinâmico e desafiador, que exige práticas colaborativas e uma constante adequação às demandas sociais. Além disso, a crítica à desconexão entre a normatização e a prática cotidiana da sala de aula reforçou a importância de uma postura docente que vá além da mera aplicação de diretrizes, promovendo transformações concretas.

Já o texto de **Cicilia M. Krohling Peruzzo, "Metodologia, métodos, técnicas: pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa"**, aprofundou minha compreensão sobre diferentes modalidades de pesquisa participante, como a observação participante, a participação observante e a pesquisa-ação. Foi instigante perceber como essas abordagens rompem com a neutralidade científica tradicional, promovendo uma integração ativa entre pesquisador e comunidade. A pesquisa participante, sobretudo, evidenciou um modelo de produção de conhecimento que não apenas interpreta a realidade, mas atua diretamente para transformá-la.

Essa perspectiva de pesquisa dialogou intensamente com as demandas práticas da atuação como futura educadora geógrafa. No ambiente escolar, percebo que a participação ativa dos alunos e a construção coletiva de conhecimento são cruciais para um aprendizado significativo. A crítica às metodologias positivistas e a valorização da interação humana nos processos de ensino e pesquisa foram pontos que ressoaram diretamente com as práticas que almejo implementar.

Também desenvolvi reflexões críticas sobre a relação entre o livro didático e o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, a partir da leitura e análise de textos como o de João Paulo Teixeira de Oliveira, que explora as limitações do uso excessivo desse recurso pedagógico.

Compreendi que, embora o livro didático seja um material amplamente utilizado no Brasil, sua eficácia depende de como os professores o empregam em sala de aula. O uso acrítico e exclusivo do livro, muitas vezes associado a

metodologias tradicionais, pode desmotivar tanto professores quanto alunos, além de distanciar o conteúdo da realidade vivida pelos estudantes. Essa abordagem torna as aulas monótonas, reduzindo a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem.

O texto também me fez refletir sobre as críticas à forma como o livro didático, vinculado ao poder instituído, frequentemente prioriza conteúdos descontextualizados da vivência dos estudantes. Como futura educadora geógrafa, percebo a importância de utilizá-lo como um **apoio flexível e complementar**, explorando outros recursos pedagógicos e metodologias que tornem a aula mais dinâmica e inclusiva.

A análise da pesquisa de campo realizada pelo autor, com observações e entrevistas em escolas públicas e privadas, mostrou como o uso do livro varia conforme as condições e os recursos das instituições. Essa constatação reforça a necessidade de capacitação docente para lidar de forma crítica e criativa com o livro didático, incentivando práticas pedagógicas que conectem os conteúdos à realidade dos alunos.

Por fim, o estudo sobre o **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)** ampliou minha percepção sobre as políticas públicas que regulam a produção e a distribuição de materiais didáticos no Brasil. Entendi os avanços e desafios desse programa, como a necessidade de melhorar os critérios de avaliação dos livros e enfrentar a concentração editorial. Isso me incentivou a pensar na relevância de dialogar com as políticas educacionais, visando maior qualidade e diversidade nos materiais disponíveis.

Ao longo do módulo **Estágio II: O Educador Geógrafo e os Espaços Escolares**, pude refletir profundamente sobre a prática pedagógica e o papel dos recursos didáticos no ensino de Geografia. Estudar a eficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem foi fundamental para entender como esse material, apesar de sua relevância, apresenta limitações que precisam ser superadas. A dependência excessiva do livro como única fonte de conhecimento não só restringe as possibilidades metodológicas, mas também desconsidera as vivências e a realidade social dos alunos.

A análise de textos como os de João Paulo Teixeira de Oliveira e Gisèle Neves Maciel trouxe contribuições importantes, tanto no aspecto crítico quanto na busca por alternativas pedagógicas. Ficou evidente a necessidade de uma

abordagem mais criativa e reflexiva no uso do livro didático, integrando-o como um suporte e não como um guia inflexível. A proposta de conectar os conteúdos ao cotidiano dos alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e contextualizadas, se mostrou essencial para combater a monotonia e promover o engajamento.

Além disso, o estudo do **Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)** evidenciou o impacto das políticas públicas na escolha e avaliação dos materiais didáticos. A concentração editorial, a presença de erros recorrentes e as mudanças nos critérios de avaliação destacam desafios que ainda precisam ser enfrentados para garantir materiais de qualidade nas escolas brasileiras. Para isso, é indispensável a transparência nos processos de avaliação e um debate público mais amplo sobre as limitações e possibilidades dos livros didáticos.

Como futura educadora, compreendo que minha prática deve ir além da simples reprodução de conteúdo. É meu papel criar estratégias que estimulem o pensamento crítico dos alunos, valorizem suas realidades e conectem a Geografia à vida cotidiana. O estágio foi uma oportunidade valiosa para consolidar essa visão, reafirmando a importância de uma atuação pedagógica inovadora, que humanize o ensino e transforme o espaço escolar em um ambiente de aprendizado significativo.

Este módulo foi ousado, ajudando-me a enxergar o estágio não como uma simples etapa formativa, mas como um espaço de construção de identidade e de práticas pedagógicas significativas. Ele reforçou meu compromisso de ser uma educadora reflexiva e aberta à inovação, sempre buscando integrar saberes acadêmicos e vivências práticas no meu trabalho docente.

Esses textos não apenas enriqueceram minha formação teórica, mas também reforçaram minha convicção sobre o papel transformador da educação. A investigação-ação e a pesquisa participante surgem como caminhos poderosos para aproximar teoria e prática, permitindo que o educador geógrafo atue como um agente de mudança nos espaços escolares. Essa visão me inspira a construir práticas pedagógicas inovadoras e contextualizadas, que dialoguem com as necessidades dos estudantes e da sociedade.

Basicamente esse módulo proporcionou uma oportunidade de questionar minha própria prática pedagógica, destacando a relevância de uma abordagem interdisciplinar, crítica e reflexiva na construção do ensino de Geografia, com o objetivo de promover aprendizagens significativas e alinhadas às vivências dos alunos.

2. Interações Culturais E Humanísticas – Dança De Salão

As Interações Culturais e Humanísticas – Dança de Salão foi uma experiência prática muito enriquecedora, que me permitiu aprender a dançar algumas modalidades como a Valsa, o Bolero e o Forró. Embora eu não tenha me tornado uma dançarina profissional, essa vivência me proporcionou uma melhora significativa na minha coordenação motora e na minha condição física, além de ser uma oportunidade divertida de exercício. O aprendizado foi mais prático do que teórico, mas a professora também nos pediu um trabalho teórico, no qual escolhi escrever sobre o Forró, gênero musical e dança com os quais tenho uma afinidade particular.

O Forró tem uma rica história no Brasil, originando-se no Nordeste e evoluindo a partir de várias danças tradicionais da região, como o xote, o baião e o coco. O gênero ganhou popularidade na década de 1940, quando Luiz Gonzaga, o "Rei do Baião", trouxe o forró para todo o país, com músicas icônicas como "Asa Branca". Nos anos 50, Jackson do Pandeiro adicionou um toque único ao estilo com sua percussão, e na década seguinte, Dominginhos trouxe complexidade musical à dança com sua sanfona.

Nos anos 70 e 80, Elba Ramalho trouxe uma nova vida ao forró, incorporando elementos mais sensuais e coreografias elaboradas. O forró também passou a se modernizar nas décadas seguintes, especialmente com o "forró eletrônico", que se popularizou com bandas como Calcinha Preta e Aviões do Forró, trazendo um ritmo mais dinâmico e moderno à dança.

O forró continua sendo uma dança versátil e inclusiva, que mistura tradições e inovações. A história da sua evolução reflete a diversidade cultural e musical do Brasil, e, ao longo do tempo, ela se transformou em uma expressão de resistência e identidade cultural nordestina. Esse estudo me ajudou a entender como a dança, além de ser uma forma de arte, carrega consigo toda uma narrativa cultural que reflete as transformações sociais e musicais do Brasil.

De maneira geral, o módulo não só me proporcionou uma experiência de aprendizagem prática, mas também me levou a refletir sobre como as danças de salão, como o Forró, são representações culturais que, além de alegrar, têm a capacidade de conectar as pessoas com suas raízes históricas e culturais.

3. Resiliências E (Re)Existências Planetárias Dos Povos Originários

No módulo **Resiliências e (Re)Existências Planetárias dos Povos Originários**, vivenciei uma oportunidade transformadora de aprofundar meu entendimento sobre as lutas históricas e contemporâneas dos povos indígenas no Brasil. Através do estudo crítico do artigo *"Existência e Diferença: O Racismo Contra os Povos Indígenas"*, fui confrontada com a profundidade do racismo estrutural que permeia as relações sociais e políticas no país, muitas vezes invisibilizado sob o mito da democracia racial.

O texto trouxe reflexões importantes sobre como o racismo contra os povos indígenas é frequentemente negligenciado, seja por sua manifestação diferenciada em relação a outros grupos étnicos ou pela falta de reconhecimento e valorização de suas culturas e demandas. A análise histórica revelou o caráter ambíguo das políticas indigenistas, que, sob o pretexto de proteção e integração, frequentemente resultaram em violência, exploração e apagamento cultural.

A crítica ao mito da miscigenação como solução para tensões raciais desafiou visões romantizadas e preconcebidas sobre a harmonia racial no Brasil. Além disso, o artigo destacou a exclusão dos povos indígenas nas políticas públicas e a perpetuação da violência e do racismo sistêmico, evidenciando a necessidade urgente de transformação social.

O protagonismo indígena foi um ponto central que ressoou profundamente em mim. Valorizar as vozes e experiências diretas dos povos originários, em especial no contexto de denúncias de racismo religioso e da "fossilização cultural", reforçou a importância de romper com estereótipos que desumanizam e estagnam suas identidades. Entender que as culturas indígenas são dinâmicas, adaptáveis e modernas foi essencial para desconstruir visões limitadoras que reforçam preconceitos.

Também tive a oportunidade de refletir profundamente sobre as interseções entre técnica, cuidado e sustentabilidade a partir do artigo *"O Cuidado como Base Epistemológica da Produção Técnica do Antropoceno"*. Este texto trouxe uma análise instigante da produção técnica contemporânea e sua relação com os impactos ambientais no contexto do Antropoceno, revelando como o modelo econômico baseado no consumo desenfreado tem contribuído para a crise planetária.

A proposta dos autores de adotar o cuidado como eixo epistemológico na produção técnica ressoou profundamente comigo. Eles destacaram que, para

enfrentar os desafios ambientais urgentes, seria necessário romper com paradigmas de crescimento ilimitado e especialização excessiva, adotando práticas mais conscientes e responsáveis. Apesar de reconhecer a quão transformadora seria essa mudança, o texto também revelou a complexidade de sua implementação, dado o enraizamento das práticas tecnológicas e econômicas atuais.

Outro ponto que me marcou foi a crítica ao paradigma de separação entre natureza e cultura, típica da ciência moderna. A abordagem sugerida, que valoriza uma visão mais holística e criativa da realidade, foi inspiradora, especialmente ao trazer a figura da *métis* — a inteligência prática e inventiva — como um contraponto ao pensamento exclusivamente lógico e mecanicista.

A introdução do perspectivismo ameríndio ao debate foi particularmente transformadora, pois ampliou a compreensão sobre a relação entre humanos, não-humanos e a natureza. Essa perspectiva revelou a riqueza de outras formas de conceber o mundo, desafiando a supremacia da visão ocidental tradicional. A inclusão dessa visão reafirma a importância de dialogar com os conhecimentos originários na busca por soluções mais sustentáveis e inclusivas.

No entanto, o artigo também me fez refletir sobre os desafios de traduzir essas ideias para a prática. A mudança de paradigma demandada exige uma reformulação profunda nas estruturas sociais, tecnológicas e econômicas, algo que pode parecer idealista à primeira vista. Ainda assim, o texto enfatiza a urgência de repensar a relação entre tecnologia, cuidado e meio ambiente como um caminho necessário para construir um futuro mais justo e sustentável.

Uma das reflexões mais marcantes surgiu a partir da leitura de *"Ideias para Adiar o Fim do Mundo"*, de Ailton Krenak. Essa obra trouxe questionamentos profundos sobre nossa relação com a tecnologia, a natureza e os povos indígenas, desafiando a visão dominante de progresso e propondo alternativas baseadas em outros modos de existência.

Krenak discute a centralidade dos smartphones em nossas vidas, destacando tanto seus benefícios quanto os impactos negativos, como isolamento social, dependência e violações de privacidade. Ele enfatiza a urgência de usarmos essa tecnologia de forma mais consciente e responsável, apontando a educação como um caminho essencial para alcançar esse equilíbrio.

Além disso, o autor aborda questões políticas e históricas relacionadas aos povos indígenas, expondo as tensões geradas pelo descaso do Estado brasileiro e a

disputa territorial enfrentada por essas comunidades. O exemplo do rio Doce, sagrado para os Krenak, ilustra o impacto devastador da exploração humana sobre a natureza, ampliando a discussão para o contexto do Antropoceno. Krenak alerta sobre a necessidade de repensar nossas práticas e valores, reafirmando a urgência de protegermos tanto os direitos dos povos originários quanto o próprio planeta.

Outro ponto relevante é a crítica à construção do imaginário coletivo, que molda nossas expectativas e visões de mundo. Krenak questiona por que estamos tão presos a uma concepção de humanidade centrada no consumo e no crescimento, quando poderíamos buscar inspirações em modos de vida mais harmônicos com a Terra. Ele nos convida a olhar para a natureza como uma diversidade de formas vivas, da qual fazemos parte, e a valorizar os sonhos e as possibilidades de construir um futuro mais sustentável.

A palestra de Ailton Krenak sobre *"Paisagens, Territórios e Pressão Colonial"* foi um momento de profunda reflexão sobre a história, a identidade e as resistências dos povos indígenas, especialmente na América Central. A abordagem de Krenak ampliou minha compreensão sobre as consequências da colonização e a força das culturas originárias na luta por (re)existir em um mundo marcado pela exploração e pela opressão.

Krenak trouxe à tona o conceito de *Abya Yala* como um nome ancestral para o continente americano, rompendo com a narrativa colonial que domina a história oficial. Ele destacou o impacto da invasão colonial sobre os territórios e identidades indígenas, refletindo também sobre possíveis origens linguísticas para o termo "América," ligando-o a palavras nativas como "nérika". Essas observações reforçaram a necessidade de reconhecer e valorizar as narrativas originárias que ainda resistem.

A valorização da oralidade foi um dos pontos mais marcantes da palestra. Ao lembrar que a maioria das histórias e conhecimentos indígenas são transmitidos de forma oral, Krenak nos alerta para a fragilidade desse patrimônio diante da colonização cultural, que apagou ou subordinou muitos desses registros. A extinção de línguas indígenas e a imposição do português, discutida por ele, revelam um processo contínuo de apagamento que impacta profundamente as novas gerações.

O impacto devastador da colonização sobre os territórios e modos de vida dos povos indígenas também foi abordado com uma crítica contundente às políticas públicas e à concentração de poder nas mãos das "bancadas ruralistas". A

degradação ambiental, a dependência criada pelas políticas de assistência e a perda do conhecimento tradicional foram expostos como consequências diretas de um sistema colonial que persiste no presente.

Essa palestra foi mais do que uma aula sobre história ou política; foi um convite a olhar para o futuro por meio das resistências e saberes indígenas. Krenak destacou que superar práticas coloniais exige um compromisso com a preservação das línguas, das culturas e da biodiversidade, bem como com a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável que respeite os povos e a natureza.

A partir de textos e discursos potentes, como os de Ailton Krenak, Yan Leite Chaparro e outras contribuições, o módulo foi um espaço para repensar paradigmas, acolher novas epistemologias e valorizar a diversidade cultural e espiritual como resistência e transformação.

Ailton Krenak, em *"Pensando com a Cabeça na Terra"*, apresentou uma crítica contundente às práticas conservadoras que moldam o sistema educacional, destacando a resistência em incluir negros e indígenas no ensino superior e a falta de acolhimento às diversidades identitárias. Sua visão de que a Terra é um organismo vivo, com ciclos que precisam ser respeitados, foi um ponto central, relacionando a exploração dos recursos naturais à desconexão entre a humanidade e o planeta. A palestra foi um convite a repensar a educação como um espaço criativo, que promova o pensamento crítico e a inclusão.

O manifesto de Yan Leite Chaparro, *"Os Cuidados com os Mundos"*, ampliou a discussão, trazendo uma perspectiva de luta e cuidado em tempos de catástrofes ambientais e sociais. Sua visão de Gaia como um ente ativo na resistência às estruturas modernas-capitalistas reforçou a urgência de alianças entre humanos e mais-que-humanos para a transformação. A crítica ao modelo econômico que gera ruínas e à perpetuação de slogans que mascaram a exploração ecoou como um chamado à ação em favor da Terra e de sua diversidade.

Por fim, o texto sobre a relação entre o Bem-Viver dos povos indígenas e o Reino pregado por Jesus trouxe uma perspectiva interessante de diálogo inter-religioso e cultural. A convergência de princípios éticos, como justiça social e cuidado ambiental, mostrou que há espaços para pontes entre diferentes tradições. Contudo, as críticas à imposição colonial da fé cristã e aos conflitos históricos com valores universais também foram importantes para refletir sobre o papel da espiritualidade na promoção de mudanças.

A vivência nesse módulo ampliou minha consciência sobre a complexidade das resistências indígenas e a urgência de uma educação que promova justiça social e respeito às diversidades. Mais do que um aprendizado teórico, foi um convite a assumir uma postura crítica e comprometida em minha prática como educadora, contribuindo para visibilizar e apoiar as (re)existências dos povos originários em busca de equidade e reconhecimento.

Esse módulo foi essencial para expandir minha perspectiva crítica e fortalecer meu compromisso com uma educação que dialogue com as múltiplas epistemologias e que promova práticas transformadoras, alinhadas ao respeito pela diversidade cultural e ambiental.

Essas obras ressoaram profundamente com as discussões do módulo, desafiando-me a reconsiderar minha relação com a tecnologia, o meio ambiente e as epistemologias indígenas. Foi um convite a (re)existir de forma mais consciente, reconhecendo a pluralidade de mundos possíveis e a urgência de adiar, com ações e reflexões, o fim do nosso próprio.

Essas experiências reafirmaram meu entendimento de que o protagonismo indígena é essencial não apenas para a reparação histórica, mas também para a sobrevivência planetária. As reflexões de Krenak mostraram que a luta dos povos originários não é apenas uma questão de justiça social, mas um caminho urgente para repensarmos nossa relação com o mundo e com nós mesmos.

Me permitiu entender que resistir é também existir de forma plena, respeitando os saberes locais, as tradições e a natureza. A conexão entre práticas indígenas, educação inclusiva e espiritualidade sustentável apontou caminhos para construir um futuro mais justo e habitável para todos.

4. Compreensão Do Sistema Mundo III

O módulo "Compreensão do Sistema Mundo III" foi, para mim, um grande desafio. A falta de organização do professor e a ausência de um cronograma claro comprometeram a qualidade da aprendizagem. Nosso grupo, que trabalhou sobre o tema "Palestina", trouxe informações relevantes, mas o processo foi confuso e sem orientação adequada.

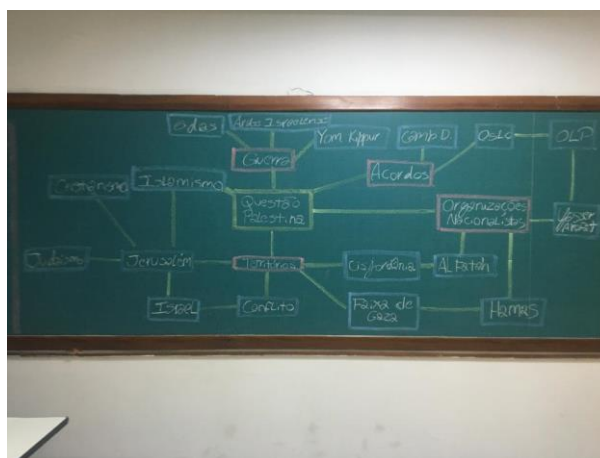
O conflito no Oriente Médio, especialmente entre Israel e Palestina, é um ciclo de violência que não pode ser ignorado. A Palestina, um território historicamente ocupado, enfrenta constantes violações de direitos humanos, como a destruição de lares e o bloqueio de Gaza, que prejudicam a vida de milhões. O apoio incondicional

de potências como os EUA a Israel só agrava a situação, mantendo o desequilíbrio de poder. A defesa da Palestina é, portanto, uma luta pela justiça, liberdade e pelo direito dos palestinos a um futuro digno em sua própria terra.

A situação da Palestina é uma luta contínua por dignidade e direitos humanos, e a defesa de seu povo é essencial para alcançar uma paz justa e duradoura. A Palestina enfrenta uma ocupação que destrói seu território e sua identidade, enquanto busca uma convivência pacífica e autônoma. O amparo com o povo palestino deve ser orientado pela justiça, pela busca pela paz e pelo fim da violência, apoiando sua luta legítima por autodeterminação e direitos fundamentais. Somente com respeito e reconhecimento da Palestina poderá haver uma resolução verdadeira para esse conflito.

Vou deixar apenas uma imagem reparadora diante dos conflitos no Oriente Médio, foi o dia que fizemos um mapa conceitual no quadro:

Figura 01 – Mapa Conceitual



Fonte: A autora (2023)

5. Projeto De Aprendizagem

O módulo *Projeto de Aprendizagem - PA04* foi, para mim, uma experiência marcante de autodescoberta, que não apenas consolidou minha relação com a Licenciatura em Geografia, mas também me fez enxergar os desafios da educação de forma mais profunda. A proposta de refletir criticamente sobre minha prática

docente e explorar caminhos para superar dificuldades em sala de aula foi transformadora.

Uma das inquietações que marcaram minha experiência foi a dificuldade de engajar os alunos nos conteúdos de Geografia. O desinteresse generalizado dos estudantes me fez questionar a eficácia dos métodos tradicionais de ensino e buscar alternativas que fossem mais significativas e dinâmicas. Experimentei práticas participativas, leituras e discussões em sala, mas o desafio de prender a atenção dos estudantes persistia. Essa frustração se tornou o ponto de partida para uma autorreflexão mais profunda sobre minha prática docente e sobre a própria função da escola.

Nesse processo, a professora e mediadora do módulo, Neusa Maria Tauscheck, desempenhou um papel fundamental. Foi ela quem me apresentou dois livros que se tornaram guias importantes em minha busca por novas estratégias pedagógicas: *Geografia para Ensino Médio: Manual de Aulas Práticas e Metodologia do o Ensino de Geografia*. Enquanto o primeiro trouxe ideias práticas que imediatamente despertaram meu interesse, o segundo ofereceu reflexões metodológicas que ampliaram meu entendimento sobre as possibilidades de ensino. Esses materiais não apenas me inspiraram, mas também evidenciaram a escassez de recursos práticos disponíveis para os professores de Geografia, especialmente na internet.

A partir dessas leituras e das discussões no módulo, comecei a idealizar um projeto que ainda está em fase inicial: a criação de um banco de dados online, acessível e colaborativo, que reúna práticas pedagógicas para o ensino de Geografia. A ideia é que professores possam compartilhar e acessar materiais, jogos e atividades práticas, fortalecendo o repertório metodológico disponível e promovendo uma educação mais engajante e colaborativa. Inicialmente, penso em algo de alcance local, mas tenho a ambição de expandir para o âmbito estadual e, quem sabe, nacional.

O módulo também foi crucial para fortalecer minha relação com a Licenciatura. O que começou como uma angústia e um questionamento sobre minha escolha acadêmica se transformou em uma profunda conexão com a profissão docente. Acompanhar aulas de colegas e vivenciar o desafio de dar aulas por conta própria me fez perceber que a Licenciatura não é apenas uma escolha de carreira, mas um aspecto central de minha identidade e propósito.

Em resumo, o *Projeto de Aprendizagem - PA04* foi um ponto de inflexão em minha trajetória. Ele reafirmou minha motivação para inovar no ensino de Geografia e minha determinação em contribuir para uma educação mais significativa e acessível. Agradeço especialmente à professora Neusa Maria Tauscheck por suas indicações literárias e orientações, que enriqueceram minha formação e ajudaram a transformar inquietações em possibilidades concretas. O módulo não trouxe respostas definitivas, mas me deu as ferramentas e a confiança para continuar explorando e construindo.

7º semestre (01/2024)

No início do meu sétimo semestre, fui surpreendida pela riqueza e relevância dos temas abordados nos módulos. Acredito que cada um deles contribuiu de forma significativa para aprofundar minha compreensão e para promover conexões entre os conteúdos, as leituras, os debates e os vídeos trabalhados. Essa interligação me permitiu observar como os conhecimentos adquiridos em um módulo se entrelaçavam com os demais, potencializando meu aprendizado.

Esse semestre também foi marcado pela greve dos professores e técnicos da UFPR, o que resultou em uma pausa temporária. A greve dos professores e técnicos da UFPR foi um momento de grande importância durante o sétimo semestre, pois me proporcionou uma nova perspectiva sobre a luta por direitos e a valorização da educação pública. Esse período de pausa não foi apenas um intervalo nas atividades acadêmicas, mas também uma oportunidade de reflexão sobre a precarização do ensino superior e o impacto disso na formação dos estudantes e na atuação dos profissionais da educação.

Além disso, a greve reforçou a importância da união da comunidade acadêmica na defesa de melhores condições de trabalho e ensino. Para mim, foi um momento de aprendizado além da sala de aula, que me ajudou a entender que o ato de educar está profundamente ligado à luta por uma educação de qualidade e acessível para todos.

Esse período também me permitiu pensar com mais profundidade sobre o meu papel como futura educadora, reconhecendo que a docência vai além da transmissão de conteúdo: é um ato político e transformador. Assim, a greve, apesar de interromper temporariamente as atividades, foi essencial para ampliar minha visão crítica e fortalecer meu compromisso com a educação pública e seus desafios.

1. A Reinvenção Dos Territórios E Das (R)Existências

O módulo "**A Reinvenção dos Territórios e das (R)Existências**" foi uma jornada intensa e transformadora, que me desafiou a enxergar o mundo com mais criticidade e sensibilidade. Essa experiência não foi apenas sobre adquirir conhecimento teórico, mas também sobre compreender como os processos históricos, políticos e econômicos moldam nossas vidas e territórios. A análise de conjuntura proposta por Betinho, um pensador que nos instiga a conectar estrutura e conjuntura para entender o presente e agir no futuro, foi central para nossas reflexões.

Ao trabalhar com documentários como "*Xingu*", "*Terra de Quilombo*" e "*Chico Mendes, o Preço da Floresta*", ficou claro como a injustiça social e ambiental estão enraizadas em estruturas de poder profundamente desiguais. Cada análise revelou aspectos diferentes de luta e resistência, mas todos mostraram que a transformação exige articulação coletiva, coragem e persistência. Por exemplo, a luta dos povos indígenas pela preservação de suas terras e culturas em *Xingu* ecoa até hoje, destacando a relação tensa entre interesses econômicos e direitos humanos. Já em *Terra de Quilombo*, percebemos como o racismo estrutural e a negligência estatal perpetuam a marginalização das comunidades quilombolas. E em *Chico Mendes*, a luta dos seringueiros pela floresta trouxe à tona o peso das forças globais sobre os territórios locais.

Outro ponto marcante foi o estudo da música "*Globalização*" da Tribo de Jah com as contribuições de Milton Santos. Esse exercício reforçou que a globalização, quando conduzida por interesses corporativos e imperialistas, acentua desigualdades e subjuga culturas. Foi inspirador ver como a perspectiva crítica geográfica pode desconstruir essas narrativas hegemônicas e propor alternativas mais humanas e inclusivas.

O texto "*Geografia e Giro Descolonial*" nos introduziu ao conceito de **colonialidade**, mostrando como as estruturas coloniais permanecem vivas nas instituições, práticas e até nas epistemologias. Essa discussão conectou diretamente os desafios atuais enfrentados por povos indígenas, quilombolas e outras comunidades oprimidas à longa história de exploração e epistemicídio. Reconhecer isso é um passo fundamental para a construção de uma geografia descolonial que não apenas crítica, mas também propõe novos caminhos.

O módulo, no geral, me fez perceber que ser professora de geografia exige um compromisso com a justiça social, a solidariedade e a resistência. A reinvenção dos territórios passa por reconhecer a pluralidade de vozes e experiências que moldam nosso mundo. É uma chamada para alinhar teoria e prática, fortalecer os vínculos entre conhecimento e ação e, acima de tudo, lutar por um futuro onde todas as formas de existência sejam respeitadas. Essa experiência não só me trouxe novas ferramentas intelectuais, mas também reforçou meu propósito como educadora: promover um ensino crítico e transformador.

2. Diálogo De Saberes: Geografando Os Projetos De Aprendizagem I

O módulo Diálogo de Saberes: Geografando os Projetos de Aprendizagem I proporcionou uma imersão em reflexões críticas e atividades colaborativas que conectaram saberes acadêmicos e experiências culturais diversificadas. A escolha coletiva dos temas abordados e a aplicação prática do Projeto de Aprendizagem (ficha 2) possibilitaram um engajamento significativo, além de trazer à tona discussões relevantes sobre cidadania participativa, comunicação comunitária e epistemologias alternativas.

O texto de Maria Paula Meneses, **Diálogos de saberes, debates de poderes**, foi um dos principais pontos de partida. Sua análise crítica à hegemonia do pensamento ocidental e às divisões epistêmicas globais trouxe à tona a urgência de descolonizar o conhecimento e integrar saberes locais. Sua defesa das "epistemologias do Sul" como método de valorização da pluralidade epistêmica ressoou fortemente com as discussões realizadas em sala, especialmente no contexto da educação brasileira, marcada por práticas que frequentemente invisibilizam as diversidades culturais e epistêmicas.

Outro material que contribuiu para o aprofundamento das discussões foi o documentário *Escolarizando o Mundo*, que expôs o impacto da educação ocidental na desvalorização e até destruição de saberes e identidades culturais locais. Essa análise complementou as leituras ao evidenciar o conflito gerado pela imposição de currículos globalizados que desconsideram a realidade das comunidades locais.

Além disso, o texto de Emilio Lucio-Villegas, *A Construção da Cidadania Participativa Através da Educação*, expandiu o debate ao destacar como a educação pode ser um mecanismo de exclusão ou empoderamento social. Sua crítica ao sistema

educacional atual, moldado pelo consumismo e pela desigualdade, reforçou a necessidade de metodologias participativas, como a Investigação Participativa (IP), para promover uma educação mais inclusiva e cidadã.

As práticas de aprendizado coletivo também tiveram destaque. O projeto *Animando Lendas Indígenas*, liderado por uma colega, foi um exemplo prático de como a arte pode ser utilizada para resgatar e reinterpretar narrativas culturais. A releitura da lenda Os Dois Lobos foi uma experiência marcante, evidenciando o poder transformador das histórias e a importância das escolhas individuais e coletivas.

Outra experiência enriquecedora foi o projeto *Territórios da Memória*, conduzido por Nicolas H. Machado, que trouxe à sala de aula a memória viva de Altair Machado e sua contribuição à rádio PRB-2. Esse momento foi particularmente emocionante, reforçando a relevância do diálogo entre gerações e a preservação do patrimônio cultural.

De forma geral, o módulo não apenas explorou teorias críticas sobre cidadania, educação e epistemologia, mas também conectou essas discussões com práticas concretas e colaborativas. Contudo, a complexidade dos temas abordados revelou as limitações institucionais e culturais que ainda dificultam a transformação da educação em uma ferramenta verdadeiramente inclusiva.

Essa experiência evidenciou a importância de continuar questionando e desafiando as estruturas hegemônicas, promovendo um aprendizado que respeite e valorize as múltiplas formas de saberes e culturas.

Figura 2:



Fonte: Yana Kossemba da Silva (2024)

Figura 03:



Fonte: Marcos Aurélio Zanlorenzi (2024)

3. Estágio III: Identidades E Compromissos Nos Espaços Educacionais

O módulo *Estágio III: Identidades e Compromissos nos Espaços Educacionais* foi um marco significativo em minha formação na Licenciatura em Geografia. Esta etapa representou a consolidação de aprendizagens acumuladas ao longo do curso, desafiando-me a vivenciar de forma prática a realidade escolar e a refletir sobre meu papel como educadora. O estágio proporcionou momentos de aprofundamento, tanto teórico quanto prático, e revelou os desafios e complexidades da docência, ao mesmo tempo que reforçou a relevância do compromisso ético e profissional na construção de uma educação transformadora.

A exibição do documentário *Entre Saberes - A Educação Pública no Brasil* foi um ponto de partida provocativo. O filme evidencia as desigualdades estruturais que permeiam o sistema educacional brasileiro e a desconexão entre políticas

educacionais e as realidades locais. A crítica ao modelo técnico e centralizador, que prioriza métricas quantitativas em detrimento de práticas contextualizadas, ressoou profundamente. Enquanto futura educadora, a reflexão sobre a importância de valorizar os saberes locais e adaptar as práticas pedagógicas às necessidades culturais e sociais dos estudantes reforçou minha percepção de que a educação é, antes de tudo, um ato político. A defesa de uma educação inclusiva e contextualizada destacou-se como um norte essencial para qualquer prática docente comprometida com a transformação social.

Ao longo do estágio, a prática em sala de aula no 9º ano trouxe experiências enriquecedoras e desafiadoras. Elaborar e implementar um plano de aula sobre o continente europeu foi um processo que exigiu articulação entre conhecimentos geográficos, habilidades pedagógicas e estratégias de engajamento dos alunos. A escolha de temas como relevo, clima, hidrografia e problemas socioambientais demonstrou a potencialidade da Geografia em conectar dimensões naturais e sociais, oferecendo um olhar integrado sobre o espaço. Ministrar essa aula para meus colegas da licenciatura foi igualmente desafiador e enriquecedor. O feedback recebido nesse contexto revelou nuances que, por vezes, passam despercebidas em meio à prática docente, ajudando-me a refinar minha abordagem.

O estágio, no entanto, também trouxe à tona os desafios inerentes à profissão docente. A gestão de sala de aula, a adaptação à dinâmica escolar e a criação de estratégias eficazes de avaliação foram algumas das dificuldades enfrentadas. Contudo, essas adversidades serviram como terreno fértil para o desenvolvimento de competências importantes, como a flexibilidade, a empatia e a capacidade de planejamento.

Este módulo foi mais do que uma etapa formativa; foi uma experiência de imersão que permitiu a construção de uma identidade docente mais madura e consciente. A vivência no ambiente escolar não apenas consolidou conhecimentos teóricos, mas também estimulou reflexões sobre minha atuação futura, reforçando meu compromisso com uma educação geográfica crítica, comprometida com a transformação e a justiça social. O Estágio III reafirmou a necessidade de valorizar a troca de saberes, o diálogo e a construção coletiva no processo educacional, elementos indispensáveis para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

4. INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS: Yoga No Cotidiano: Princípios E Práticas

Participar da ICH *Yoga no Cotidiano: Princípios e Práticas* foi uma experiência ambivalente para mim. Por um lado, a abordagem teórica, fortemente conectada à espiritualidade e religiosidade, não despertou meu interesse devido às minhas crenças pessoais. Por outro, a prática de yoga revelou-se surpreendentemente enriquecedora, especialmente pelos benefícios que trouxe ao meu cotidiano.

A prática de yoga, com suas posturas físicas (*asanas*), técnicas de respiração (*pranayama*) e momentos de meditação, mostrou-se uma ferramenta eficaz para lidar com o estresse e melhorar a qualidade de vida. Mesmo sem me aprofundar na teoria espiritual, os movimentos e exercícios respiratórios contribuíram para aumentar minha flexibilidade, melhorar o equilíbrio e fortalecer a musculatura. Mais do que isso, a prática ajudou-me a aliviar tensões acumuladas e trouxe uma sensação de calma que, até então, era difícil de alcançar em meio à rotina acadêmica e pessoal.

Embora reconheça os benefícios emocionais e mentais promovidos pela yoga, como o cultivo da autoconsciência e o relaxamento, minha experiência foi marcada por um enfoque mais prático. A meditação e os exercícios respiratórios me ajudaram a reduzir a ansiedade e a desenvolver um maior controle emocional. No entanto, minha desconexão com os aspectos espiritualistas propostos durante a teoria fez com que eu priorizasse os elementos físicos e objetivos da prática.

De modo geral, a ICH ofereceu uma oportunidade valiosa de experimentar algo novo e fora da minha zona de conforto. Apesar de minhas limitações em relação à teoria, a prática de yoga deixou um impacto positivo em meu bem-estar físico e emocional, evidenciando seu potencial como uma ferramenta acessível e poderosa para enfrentar os desafios do dia a dia. Para mim, foi uma experiência de equilíbrio entre aproveitamento prático e distanciamento teórico, mas que, ainda assim, contribuiu para minha formação pessoal e acadêmica.

5. Projeto De Aprendizagem – Práticas na Geografia

O Projeto de Aprendizagem representou um marco na minha trajetória acadêmica, proporcionando uma experiência transformadora de autodescoberta e reflexão profunda sobre minha prática docente e meu percurso na Licenciatura em

Geografia. Desde o início, ele foi um espaço de inquietação e construção, onde questões como o desinteresse dos alunos e a dificuldade de engajá-los nos conteúdos de Geografia emergiram como desafios centrais. Percebi que muitos estudantes enxergam a escola como um espaço opressor, o que me levou a questionar a eficácia dos métodos tradicionais e buscar alternativas que tornassem a aprendizagem mais significativa e envolvente.

Comecei a perceber uma angústia em relação à minha escolha pela Licenciatura, um sentimento de desconexão que me levou a um momento de profunda reflexão. Foi aí que os ponteiros começaram a girar e, aos poucos, essa angústia inicial foi substituída por uma tentativa de reorientação e conexão com a profissão docente. Esse processo marcou uma transição interna, um momento de autodescoberta e reflexão sobre o próprio caminho acadêmico e profissional. Comecei a enxergar a Licenciatura não apenas como uma escolha de carreira, mas como um aspecto central da minha identidade e propósito.

A partir dessas inquietações, explorei diferentes metodologias, como práticas participativas, leituras e discussões, mas ainda assim o engajamento pleno dos alunos parecia distante. Durante o semestre, a professora Neusa Maria Tauscheck desempenhou um papel fundamental ao me apresentar obras como *Geografia para Ensino Médio: Manual de Aulas Práticas e Metodologia do o Ensino de Geografia*. Esses materiais ampliaram minha compreensão metodológica e reforçaram a necessidade de mais recursos práticos acessíveis para os professores de Geografia, especialmente em plataformas digitais.

Foi nesse contexto que começou a tomar forma a ideia de criar um banco de dados online, colaborativo e acessível, onde práticas pedagógicas, jogos e atividades pudessem ser compartilhados entre educadores. Essa proposta ainda está em fase inicial, mas vislumbro seu potencial para transformar o ensino de Geografia, começando em âmbito local e, eventualmente, alcançando dimensões estaduais ou nacionais.

Outra experiência marcante deste semestre foi a aplicação de práticas colaborativas interdisciplinares, desenvolvidas em parceria com as professoras Monique (Sociologia) e Luciana (Biologia), utilizando a metodologia de rotação por estações. O tema abordado, "As Tragédias Ambientais no RS e o Aquecimento

Global", conectou Geografia, Sociologia e Biologia de forma dinâmica e significativa. As cinco estações — que incluíram atividades como leitura de QR codes, práticas experimentais, questionários digitais, palavras cruzadas e produção de mapas mentais — permitiram que os alunos interagissem ativamente, desenvolvendo habilidades como trabalho em equipe e pensamento crítico.

Essa abordagem interdisciplinar e inovadora trouxe benefícios claros: maior engajamento dos estudantes, uma compreensão mais abrangente das questões socioambientais e a utilização de ferramentas diversificadas para a avaliação. Ao mesmo tempo, reforçou minha convicção sobre a importância de práticas colaborativas e metodologias ativas no ensino. No entanto, a escassez de recursos aplicáveis nas salas de aula continua sendo um desafio. Isso fortaleceu minha motivação para seguir com a ideia do banco de dados, acreditando que ele pode ser uma solução prática para ampliar o repertório metodológico disponível para os educadores.

Esse semestre consolidou minha relação com a Licenciatura em Geografia, que deixou de ser apenas uma escolha acadêmica para se tornar parte integral da minha identidade. Acompanhar colegas em sala de aula, experimentar novas práticas e vivenciar o desafio de ensinar reafirmaram meu propósito na docência. A Licenciatura não é mais apenas um caminho profissional, mas uma jornada de constante aprendizado e conexão.

Em resumo, o Projeto de Aprendizagem foi um divisor de águas. Ele não trouxe respostas definitivas para minhas inquietações, mas me deu ferramentas e confiança para continuar inovando e explorando. A experiência me fortaleceu como educadora, reafirmou minha paixão pelo ensino de Geografia e me inspirou a buscar formas de contribuir para uma educação mais engajante, colaborativa e transformadora.

Figura 4, 5, 6 e 7 – Rotação por estações

As imagens foram retiradas por se tratarem de material de autoria comprovada e por conterem fotografias de alunos menores de idade, cuja divulgação requer autorização prévia dos responsáveis legais, conforme o disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990).



Fonte: A autora (2024)

8º semestre (02/2024)

Ao iniciar o oitavo e último período da Licenciatura em Geografia, faço um balanço significativo de todo o percurso acadêmico que me trouxe até aqui. Durante minha trajetória, participei de diversos módulos que não apenas ampliaram meus conhecimentos, mas também me proporcionaram uma reflexão profunda sobre as práticas pedagógicas e os desafios do ensino de Geografia no contexto contemporâneo. Cada módulo teve um papel fundamental na construção da minha identidade enquanto educadora, e ao longo deste último período, pude integrar os saberes adquiridos em diferentes áreas do conhecimento e aplicá-los ao meu futuro profissional.

O módulo Diálogo de Saberes: Geografando os Projetos de Aprendizagem II foi crucial para o desenvolvimento de uma visão mais crítica e interdisciplinar sobre o ensino de Geografia. Nele, pude compartilhar e refletir sobre os projetos de aprendizagem que elaboramos ao longo da Licenciatura, além de realizar uma troca significativa de experiências com meus colegas. A troca de saberes e a discussão sobre práticas pedagógicas foram essenciais para a construção de estratégias de ensino mais eficazes e criativas, que valorizam as particularidades locais e os saberes populares.

Em Interações Culturais e Humanísticas - Yoga no Cotidiano, aprofundi minha compreensão sobre as práticas culturais e como elas podem ser aplicadas de maneira pedagógica no ensino de Geografia. Esse módulo me fez refletir sobre a importância de incluir práticas que favoreçam o equilíbrio emocional e a construção de um ambiente educacional mais saudável, reconhecendo o papel do corpo e da mente na aprendizagem.

A disciplina de Introdução ao Estudo da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) trouxe uma dimensão inclusiva e acessível ao meu entendimento sobre a educação. Ao aprender LIBRAS, compreendi a importância de um ensino que atenda a todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência auditiva. Este módulo foi fundamental para a construção de uma prática pedagógica mais inclusiva, que respeita as diversas formas de comunicação e participação dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Os módulos de **Projeto de Aprendizagem** foram, sem dúvida, momentos chave na minha formação, pois me permitiram refletir sobre o planejamento e a implementação de práticas educacionais que atendem às demandas dos alunos e à realidade escolar. Através dessas experiências, percebi como é essencial que o professor de Geografia se envolva ativamente na construção de projetos que conectem o conteúdo acadêmico ao contexto local e às experiências cotidianas dos estudantes.

Por fim, o Estágio IV: Propostas e Ações como Educadora foi a culminância de todo o processo formativo que vivenciei ao longo da Licenciatura. Durante esse estágio, pude aplicar os conhecimentos adquiridos nos módulos anteriores em situações reais de sala de aula, o que me permitiu refletir sobre minha prática pedagógica e aprimorar minhas habilidades como futura professora de Geografia.

Esses módulos, com suas abordagens interdisciplinares, práticas e inclusivas, foram fundamentais para a minha formação enquanto educadora. Ao final deste período, me sinto preparada para enfrentar os desafios da docência e contribuir para a construção de uma educação mais crítica, inclusiva e transformadora.

1. Diálogo De Saberes: Geografando Os Projetos De Aprendizagem II

No módulo **Diálogos de Saberes II**, pude compartilhar e aprender com as apresentações de meus colegas, cada uma oferecendo uma perspectiva única sobre como as práticas e o conhecimento acadêmico podem se entrelaçar com as

realidades e culturas locais. O módulo foi uma oportunidade rica para refletir sobre a Geografia e a Educação, explorando temas que conectam o ensino à vivência cotidiana e aos saberes tradicionais.

A apresentação de **Paula Castanha**, que abordou as **Brincadeiras Tradicionais do Litoral**, trouxe à tona a importância de preservar as culturas populares da região. A maneira como ela conectou essas brincadeiras com o ensino de Geografia foi fascinante, pois revelou como essas práticas podem ser usadas como ferramentas pedagógicas para reforçar a identidade local e promover a compreensão do ambiente. Isso me fez refletir sobre como o ensino de Geografia pode ser mais inclusivo e dinâmico, aproveitando as tradições como um ponto de partida para discussões mais amplas sobre a sociedade e o território.

A apresentação de **Yana Kossembe**, que falou sobre a **Criação de Material Didático com o tema Ecossistema de Restinga**, foi uma aula sobre como adaptar o conteúdo acadêmico ao contexto local. Yana enfatizou a importância de criar materiais didáticos que falem diretamente com a realidade dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e acessível. Seu trabalho me inspirou a repensar minhas próprias práticas pedagógicas, buscando maneiras de integrar os ecossistemas locais ao conteúdo de Geografia de forma prática e interativa.

Nicolas H. Machado, por sua vez, apresentou sobre **Conhecendo Artistas da Rádio Clube Paranaense**. Através dessa apresentação, foi possível perceber como a mídia, em suas diversas formas, desempenha um papel fundamental na construção da identidade cultural. O trabalho de Nicolas nos fez refletir sobre a importância de se olhar para as expressões culturais da nossa região, entendendo como elas influenciam nossa percepção de mundo. Essa reflexão é fundamental para o ensino de Geografia, pois nos ajuda a entender como as representações culturais se conectam com os territórios que estudamos.

A apresentação de **Gabrielli Campos**, que abordou o tema **Direito Animal**, foi um ponto alto no módulo. Gabrielli trouxe à tona a importância de reconhecer os direitos dos animais dentro do contexto de uma sociedade mais justa e ética. Seu trabalho gerou uma reflexão profunda sobre como os direitos animais podem ser integrados ao currículo escolar, especialmente nas áreas de Ciências Sociais e Geografia. A proposta de trabalhar com esse tema em sala de aula me fez pensar

sobre como podemos, como educadores, sensibilizar nossos alunos para questões sociais e ambientais que impactam diretamente as vidas dos animais e o equilíbrio do nosso ecossistema. Gabrielli conseguiu, com maestria, conectar essa temática ao contexto atual, mostrando a relevância de uma educação que aborde a ética e a cidadania de forma mais ampla.

Anderson da Silva Modrow, com seu projeto A utilização dos óleos essenciais da cataia, trouxe uma abordagem prática e criativa, mostrando como os óleos essenciais dessa planta podem ser aplicados no cotidiano das comunidades litorâneas. Anderson compartilhou as propriedades terapêuticas e práticas dos óleos essenciais, que podem ser utilizados para a saúde e o bem-estar, além de promover soluções sustentáveis e alternativas para a região. A apresentação foi uma excelente maneira de integrar o conhecimento sobre recursos naturais ao ensino de Geografia, conectando a ciência a práticas tradicionais e recursos ecológicos acessíveis às populações. Esse tipo de conhecimento tem grande relevância no contexto da Geografia, pois evidencia como os saberes locais podem ser aproveitados de forma pedagógica e sustentável.

Claudeci Fortunato Marques Junior, com seu projeto As Charges no Ensino da Geografia, trouxe uma reflexão sobre como as charges e outras formas de arte podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas poderosas no ensino de Geografia. Claudeci apresentou como as charges abordam questões geográficas e sociais de maneira crítica e acessível, facilitando o entendimento de conceitos complexos e estimulando uma leitura crítica do mundo. O uso de charges no ensino pode não apenas auxiliar na compreensão de temas como desigualdade social, globalização e questões ambientais, mas também despertar o interesse dos alunos, tornando o aprendizado mais engajador e relevante. O projeto de Claudeci me fez refletir sobre a importância de integrar diferentes formas de expressão artística no currículo de Geografia, ajudando os alunos a desenvolver uma visão mais crítica e reflexiva sobre o mundo.

Graziela Thamires Soares Cogrossi, com seu projeto Narrativas de Resistência: Os Caiçaras do Campo e a Cultura das Farinheiras em Guaraqueçaba-PR; Um Retrato da Soberania Alimentar, trouxe uma reflexão profunda sobre as práticas de resistência cultural e a importância da soberania alimentar nas comunidades caiçaras. Graziela explorou a cultura das farinheiras como um símbolo

de resistência e preservação das tradições alimentares locais. Esse projeto me fez compreender ainda mais a relevância do ensino de Geografia quando se conecta com a realidade das comunidades, mostrando como o território e a cultura estão intrinsecamente ligados à prática da alimentação e da produção local. A pesquisa sobre a soberania alimentar nos mostrou como é possível construir um ensino de Geografia mais consciente, que valorize as práticas sustentáveis e os saberes tradicionais na luta por um futuro mais justo e equilibrado.

Minha própria apresentação, *Práticas Participativas na Geografia: A Construção de um Banco de Dados Colaborativo*, teve como objetivo destacar a importância de práticas pedagógicas colaborativas e dinâmicas no ensino de Geografia. Durante a minha fala, compartilhei como a construção de um banco de dados colaborativo pode ser uma ferramenta valiosa para professores e alunos, permitindo que as práticas de ensino sejam mais flexíveis e personalizadas, atendendo melhor às necessidades de cada turma. O projeto ainda está em andamento, mas a troca de ideias durante o módulo me ajudou a perceber novas possibilidades e a aprimorar minha proposta.

Além dessas apresentações, outras discussões e experiências no módulo *Diálogos de Saberes II* foram fundamentais para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Aprender com os colegas e ter a oportunidade de refletir sobre as diferentes abordagens para o ensino de Geografia foi extremamente enriquecedor. As apresentações abordaram temas que conectam saberes populares, questões ecológicas, direitos animais, soluções sustentáveis, representações culturais e o uso de artes visuais, contribuindo para a minha compreensão sobre a relevância de integrar o conhecimento acadêmico ao contexto local e às experiências cotidianas dos alunos.

Esse módulo não apenas ampliou meu olhar sobre as práticas educacionais, mas também me inspirou a continuar buscando formas criativas e significativas de ensinar, respeitando as especificidades culturais e ambientais da região em que atuo.

2. Interações Culturais E Humanísticas – Yoga No Cotidiano

O Yoga, enquanto prática filosófica e espiritual, transcende o exercício físico, estabelecendo um caminho para o autoconhecimento e a convivência harmônica

com o mundo. No cerne desse caminho, os Yamas – princípios éticos que guiam a relação do indivíduo com os outros e com o ambiente – são fundamentais. Nesta resenha crítica, a partir da análise das obras *"Yamas e Niyamas"* de B.K.S. Iyengar, *"Yoga: um guia ético e filosófico"* de Ganga (2022), e *"Ética no dia a dia e os ensinamentos do Yoga: os Yamas e Niyamas dos Yoga Sutras de Patañjali"*, exploro as implicações éticas e práticas desses princípios, refletindo sobre como eles impactam a vida cotidiana e meu entendimento durante o curso de Introdução à Cultura Hindu (ICH).

Os Yamas, segundo Patañjali nos *Yoga Sutras*, consistem em cinco preceitos: ahimsa (não-violência), satya (verdade), asteya (não roubar), brahmacharya (moderação) e aparigraha (não possessividade). Iyengar, em sua obra, aprofunda o significado de cada Yama, enfatizando que esses princípios não são apenas normas externas, mas reflexões internas que moldam nosso caráter e ações. Essa perspectiva foi fundamental para que eu compreendesse que os Yamas representam uma ética ativa, que requer constante vigilância e intenção em cada ato.

No livro de Ganga (2022), há uma abordagem que conecta os Yamas à modernidade, destacando como princípios como ahimsa e satya podem ser aplicados em cenários contemporâneos. Ao ler este capítulo, percebi que a não-violência, por exemplo, não se limita a evitar agressões físicas, mas também a cultivar uma comunicação respeitosa e empática – um desafio em tempos de redes sociais e interações digitais.

Durante a ICH, a prática de ahimsa foi especialmente marcante. Lembrei-me de situações em sala de aula em que precisei aplicar a não-violência em momentos de conflito com colegas. Aprendi que o silêncio compassivo muitas vezes é mais poderoso que a palavra reativa. Além disso, aparigraha, o desapego, foi particularmente desafiador, pois me vi questionando a necessidade de acumular bens e ideias em um mundo de excessos.

O livro de ética no dia a dia trouxe uma dimensão prática, com exemplos de como os Yamas podem guiar decisões cotidianas, como consumir de forma consciente ou evitar competições desnecessárias no ambiente profissional. Essa visão me ajudou a enxergar os Yamas não como uma doutrina rígida, mas como uma bússola para viver de maneira mais alinhada aos valores humanistas.

Embora os Yamas sejam fundamentais, senti falta de discussões mais

aprofundadas sobre as limitações culturais e sociais na aplicação desses princípios. Como Iyengar sugere, os Yamas são universais, mas a sua prática muitas vezes entra em conflito com realidades locais. Por exemplo, como praticar ahimsa em uma sociedade marcada por desigualdades que exigem posturas firmes e ativismo? Essa lacuna ressalta a necessidade de um diálogo constante entre os preceitos do Yoga e as realidades contemporâneas.

Os Yamas representam mais que uma orientação ética: são um chamado para a transformação interior e coletiva. As obras analisadas ampliaram minha compreensão sobre o papel desses princípios no Yoga e na vida cotidiana, trazendo insights valiosos sobre como viver de maneira mais íntegra e consciente. Durante a ICH, internalizar os Yamas foi um exercício desafiador, mas enriquecedor, que continua reverberando na minha vida. Contudo, é essencial manter um olhar crítico e adaptável, reconhecendo os nuances culturais e sociais ao aplicar esses ensinamentos milenares no mundo atual.

3. Projeto de Aprendizagem: Práticas Participativas na Geografia: A Construção de um Banco de Dados Colaborativo

Ao longo de quatro anos de formação na Licenciatura em Geografia, vivenciei uma trajetória de evolução pessoal e acadêmica que influenciou diretamente minha visão sobre o ensino. Meu projeto de aprendizagem passou por transformações significativas, partindo inicialmente de uma abordagem voltada para trilhas e escolas, até culminar na ideia de práticas participativas em Geografia. O percurso foi marcado por reflexões profundas sobre metodologias de ensino e pelas dificuldades enfrentadas em captar a atenção dos alunos, além da carência de materiais pedagógicos aplicáveis ao contexto escolar.

Quando iniciei o curso, meu foco era criar algo que conectasse a escola ao meio ambiente, utilizando trilhas como ferramenta pedagógica. Entretanto, percebi a dificuldade logística de levar alunos a esses locais, além de uma necessidade pessoal de me distanciar da abordagem estritamente ambiental. Essa mudança de foco me levou a explorar práticas mais voltadas para a educação formal e participativa, o que significou um passo importante na minha aproximação com a Licenciatura.

Durante esse período, comecei a experimentar metodologias diversificadas em sala de aula, como práticas participativas e leituras interativas. Contudo, enfrentei desafios para manter o interesse dos alunos, que muitas vezes

demonstravam desinteresse pelas atividades escolares. Essa constatação me fez questionar como o ensino poderia ser mais atrativo e significativo para eles.

Ao perceber a dificuldade em encontrar materiais práticos voltados para o ensino de Geografia, surgiu uma inquietação em relação à criação de recursos que pudessem atender às especificidades dos alunos. Nesse contexto, surgiu a ideia de desenvolver um banco de dados online acessível a professores de Geografia. Minha proposta inicial era construir uma plataforma colaborativa onde práticas pedagógicas pudessem ser compartilhadas e adaptadas, com foco na educação municipal e estadual.

Entretanto, ao aprofundar minha reflexão, desisti dessa ideia devido a algumas limitações significativas. Percebi que a plataformização e a mercantilização da educação estavam transformando ferramentas pedagógicas em produtos comerciais, como acontece com plataformas como o Quizizz. Esses sistemas, embora úteis, tendem a tratar os alunos como consumidores, limitando o potencial crítico e criativo das atividades escolares. Além disso, considerei o cansaço recorrente entre professores e professoras, que já enfrentam uma sobrecarga de trabalho e poderiam não ter energia ou tempo para contribuir com um banco de dados online.

O envolvimento com a Licenciatura transformou minha perspectiva sobre o papel da docência. Acompanhar aulas de colegas e assumir turmas como professora PSS em Geografia me trouxe uma conexão ainda mais forte com o campo da educação. Minha vivência prática evidenciou a importância de metodologias ativas e colaborativas para engajar os alunos e promover um aprendizado significativo.

Nesse processo, desenvolvi a metodologia de rotação por estações em colaboração com as professoras Monique (Sociologia) e Luciana (Biologia). Com o tema *Tragédias Ambientais no RS e Aquecimento Global*, implementamos uma abordagem interdisciplinar para integrar Geografia, Sociologia e Biologia. As atividades foram distribuídas em cinco estações:

1. Leitura de QR Codes para acessar vídeos educativos.
2. Prática experimental simulando erosão em solos com e sem cobertura vegetal.
3. Google Forms com questões objetivas e dissertativas interdisciplinares.

4. Palavras cruzadas temáticas para reforçar conceitos aprendidos.
5. Mapa mental coletivo, promovendo síntese e colaboração ao final da atividade.

A metodologia foi eficaz para engajar os alunos de maneira dinâmica e participativa, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades como trabalho em equipe, resolução de problemas e uso de ferramentas digitais.

Esse projeto foi apresentado na atividade acadêmica *Diálogos de Saberes II*, o que proporcionou uma oportunidade de compartilhar as reflexões e práticas desenvolvidas com a comunidade acadêmica. A troca de experiências e feedbacks durante o evento foi enriquecedora e reforçou a relevância de abordar questões críticas no ensino de Geografia, como o aquecimento global e as tragédias ambientais, de forma interdisciplinar e colaborativa.

Embora o banco de dados online tenha sido abandonado como projeto principal, a reflexão sobre a carência de materiais pedagógicos práticos continua a orientar meu trabalho. Agora, minha preocupação está em desenvolver práticas que sejam acessíveis, significativas e capazes de promover uma educação crítica e cidadã, sem depender de plataformas que perpetuem a mercantilização do ensino.

Minha jornada na Licenciatura em Geografia revelou a importância de inovar e colaborar no ensino, enfrentando as limitações existentes. A ideia de práticas colaborativas em Geografia reflete meu compromisso em contribuir para a construção de uma educação mais significativa e participativa, que atenda às demandas contemporâneas e promova o engajamento dos alunos.

Meu projeto de aprendizagem não se encerra aqui; pelo contrário, ele é apenas o início de uma jornada que se estende para toda a vida. Aprender, ensinar e repensar práticas educativas são processos contínuos e dinâmicos, que acompanham as transformações sociais, culturais e ambientais. Cada experiência em sala de aula, cada interação com colegas e alunos, e cada nova reflexão sobre a educação trazem contribuições que alimentam e expandem esse projeto. Assim, o que começou como uma proposta acadêmica se transforma em um compromisso permanente com a construção de uma educação mais inclusiva, participativa e significativa.

4. Estágio IV: Propostas E Ações Como Educadora

O módulo ESTÁGIO IV: PROPOSTAS E AÇÕES COMO EDUCADORA foi, sem dúvida, uma das experiências mais enriquecedoras da minha trajetória na Licenciatura em Geografia. Nele, tive a oportunidade de aplicar as habilidades e conhecimentos adquiridos ao longo do curso, refletindo sobre as práticas pedagógicas em contextos reais de sala de aula. Este módulo foi um grande desafio, mas também uma experiência de aprendizagem transformadora, pois me permitiu lidar com as dinâmicas de ensino e com a complexidade do papel de educadora.

Durante este estágio, um dos momentos mais importantes foi a elaboração e aplicação da unidade didática que foi uma parte essencial do módulo. O tema escolhido para a minha unidade didática foi Rotação e Translação para turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II. A decisão de trabalhar esses conceitos foi estratégica, pois a compreensão desses fenômenos astronômicos é fundamental para que os alunos construam uma visão mais ampla sobre o funcionamento do nosso planeta e seu movimento no universo.

A construção dessa unidade didática exigiu de mim uma reflexão profunda sobre como tornar o conteúdo acessível e interessante para alunos dessa faixa etária. O tema de Rotação e Translação pode parecer complexo à primeira vista, mas, ao pensá-lo de forma criativa, percebi que ele poderia ser trabalhado de maneira lúdica e interativa, utilizando recursos que conectassem o conhecimento científico com a realidade do aluno. Com isso, desenvolvi atividades práticas, como simulações de movimentos da Terra e experimentos simples que ajudaram os alunos a visualizar de maneira concreta esses fenômenos naturais.

Além disso, a elaboração dessa unidade didática foi uma experiência que me desafiou a integrar teoria e prática. Tive que revisar os conteúdos teóricos da Geografia, refletir sobre a melhor forma de apresentá-los e, ao mesmo tempo, pensar em metodologias de ensino que fossem dinâmicas e estimulantes. A unidade didática não foi apenas uma maneira de ensinar, mas também um meio de aprender sobre mim mesma enquanto educadora, sobre minhas forças e minhas áreas de melhoria.

A aplicação da unidade foi um momento de grande aprendizado. Percebi como a adaptação de uma metodologia para diferentes contextos é um processo contínuo e como o feedback dos alunos é crucial para ajustar a proposta. Ver os alunos envolvidos nas atividades, tirando dúvidas e demonstrando interesse pelo

conteúdo, foi um dos maiores reconhecimentos que pude receber como futura professora. Essa vivência prática me fez sentir mais segura sobre minha capacidade de planejar e executar aulas que promovam o aprendizado e o interesse dos alunos.

O estágio e a elaboração da unidade didática sobre Rotação e Translação me proporcionaram uma experiência única de conexão com o ensino, e tenho certeza de que essa vivência será fundamental para minha futura atuação como professora de Geografia. Além de aprimorar minha prática pedagógica, esse módulo me fez refletir sobre a importância de sempre buscar inovação no ensino, para que o aprendizado seja significativo e duradouro para os alunos.

5. Introdução Ao Estudo Da Língua Brasileira De Sinais - LIBRAS

O módulo Introdução Ao Estudo Da Língua Brasileira De Sinais - LIBRAS foi uma experiência fundamental na minha formação como educadora, pois me proporcionou um olhar mais inclusivo e sensível à diversidade presente nas salas de aula. A aprendizagem de LIBRAS não apenas ampliou minhas habilidades de comunicação, mas também me fez perceber a importância de adaptar o ensino para garantir a acessibilidade de todos os alunos, independentemente de suas condições. Esse módulo foi especialmente importante para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas, tornando-me mais consciente da necessidade de integrar alunos surdos de maneira efetiva no ambiente escolar.

Durante o módulo, tivemos a oportunidade de realizar uma atividade prática, que consistiu na criação de uma receita em LIBRAS. Essa atividade foi muito mais do que apenas aprender sinais; foi uma forma de aplicar a língua de maneira concreta e útil no cotidiano. Criar e compartilhar uma receita em LIBRAS nos ajudou a entender não apenas a importância da língua, mas também como podemos integrá-la em contextos educacionais, tornando o ensino mais acessível para alunos surdos.

Além disso, o módulo nos proporcionou a apresentação adaptada sobre o tema "Rotação e Translação". A adaptação de uma apresentação de Geografia, focando nos movimentos da Terra, foi um grande desafio, pois exigiu que eu repensasse a forma tradicional de ensinar. Ao utilizar LIBRAS para apresentar conceitos como rotação e translação, aprendi a importância de adaptar a linguagem e as metodologias de ensino para garantir que todos os alunos compreendam o conteúdo de maneira igualitária. A apresentação foi uma excelente oportunidade

para refletir sobre a importância de tornar o conhecimento acessível, e eu percebi como as adaptações podem transformar a aprendizagem, tornando-a mais inclusiva e dinâmica.

Essa vivência no módulo LIBRAS foi transformadora, pois ampliou minha visão sobre a inclusão no ensino de Geografia e em outras áreas do conhecimento. A experiência me fez perceber que a educação precisa ser acessível a todos, e que aprender LIBRAS é uma maneira de garantir que cada aluno tenha a chance de participar ativamente do processo educacional. Ao final do módulo, senti-me mais capacitada para aplicar esses conhecimentos em minha futura prática docente, adaptando e criando estratégias de ensino que promovam a inclusão e o respeito à diversidade linguística e cultural.

4 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Ser professora na rede estadual do Paraná, após dois anos de experiência, tem sido uma jornada marcada por desafios profundos, frustrações e uma constante sensação de desvalorização. Desde que entrei para o magistério, percebi como o sistema educacional tem se tornando cada vez mais difícil de ser sustentado, não apenas pelas condições precárias de trabalho, mas também pela pressão e pelas constantes cobranças que recebemos, especialmente em relação ao uso de plataformas digitais e a chamada “plataformização” do ensino.

É frustrante ver como o governo, sob a gestão de Ratinho Junior e com a liderança de Roni Miranda, secretário de Educação, insistem em impor soluções simplistas para problemas que exigem muito mais atenção e comprometimento com a qualidade do ensino. Em vez de investir de fato em melhores condições de trabalho e na valorização dos profissionais da educação, somos bombardeadas com a pressão de que a tecnologia resolverá tudo. A plataformação, que se tornou uma tendência forçada, coloca a responsabilidade sobre as professoras e professores, exigindo que nos tornemos experts em plataformas digitais, sem o devido suporte. Ao invés de focarmos no ensino, nos vemos atoladas em problemas técnicos e na pressão para manter uma fachada de modernidade que não se reflete na realidade das salas de aula.

É impossível não criticar a falta de compromisso real com a educação e com a dignidade dos profissionais do ensino por parte do governo estadual. A administração de Ratinho Junior tem priorizado a implementação de medidas que não contemplam as reais necessidades das escolas e de quem nelas trabalha. O secretário Roni Miranda e o chefe do núcleo de Paranaguá, Paulo Penteado, parecem mais preocupados em se destacar com medidas vazias, que não chegam a impactar positivamente a vida dos educadores nem a qualidade do ensino. A falta de políticas públicas efetivas, que realmente considerem as especificidades do ensino público estadual, é algo que me causa revolta.

A greve na rede estadual, a qual apoiei veementemente, é uma resposta necessária ao esgotamento das professoras e professores. Estamos exaustas, tanto física quanto emocionalmente. A falta de valorização, a sobrecarga de tarefas, a pressão constante para “cumprir metas” e a ausência de um real apoio por parte do governo têm esgotado as nossas forças. A greve é a única forma de demonstrar que não estamos dispostas a aceitar mais um governo que ignora nossas necessidades e que não valoriza a educação como deveria.

O trabalho na educação pública do Paraná tem sido árduo, e a sensação de desgaste é constante. Estamos dando o melhor de nós todos os dias, mas o que recebemos em troca é um sistema que, ao invés de apoiar, só nos pressiona. Nos sentimos muitas vezes desvalorizadas e desamparadas, sem o suporte adequado para enfrentar o caos em que a educação está mergulhada. A greve é um reflexo da nossa luta por condições melhores de trabalho e por um futuro educacional mais digno para todos os estudantes do estado.

Em resumo, ser professora na rede estadual do Paraná é uma experiência desafiadora, repleta de obstáculos impostos por um sistema educacional que, ao invés de nos apoiar, nos cobra sem cessar. A greve e as críticas ao governo são um grito de resistência e uma exigência por mudanças reais e significativas para a educação pública. O esgotamento dos professores e a pressão insustentável exigem atenção urgente, e é nossa responsabilidade lutar por isso.

Mas também ser professora tem sido uma das experiências mais desafiadoras e ao mesmo tempo transformadoras da minha vida. Olho para minha trajetória com gratidão, apesar dos obstáculos e das dificuldades. A profissão de educadora me permite não só compartilhar conhecimento, mas também aprender a

cada dia com meus alunos, com os colegas e com os próprios desafios que a educação nos impõe.

Ser professora me ensinou a ser mais paciente, mais resiliente e mais solidária. A cada dia, a cada aula, percebo o impacto que uma palavra, um gesto ou uma ação podem ter na vida de um estudante. Essa conexão, esse vínculo de aprendizado, é o que me motiva a continuar, mesmo diante das dificuldades.

Agradeço a cada aluno que me desafiou a ser melhor, a cada colega que me apoiou, por ter escolhido essa profissão, que é tão essencial e, ao mesmo tempo, tão desvalorizada. Tenho orgulho de ser professora, e sei que a educação tem o poder de construir um futuro mais justo e igualitário.

Figura 8

Figura 9

Figura 10

Figura 11

As imagens foram retiradas por se tratarem de material de autoria comprovada e por conterem fotografias de alunos menores de idade, cuja divulgação requer autorização prévia dos responsáveis legais, conforme o disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990).

Fonte: A autora (2024)

Concluir a Licenciatura em Geografia é, sem dúvida, um marco importante na minha trajetória acadêmica e profissional. Ao longo dos anos, fui desafiada a expandir meus horizontes, repensar minhas práticas e, principalmente, a me conectar de forma mais profunda com o ensino e com os alunos. Hoje, ao refletir sobre toda a jornada que percorri, percebo o quanto cresci como pessoa e educadora, e como essa formação foi essencial para me preparar para os desafios da profissão.

O curso me proporcionou uma sólida base teórica e prática, capacitando-me para compreender as complexas relações entre o ser humano e o meio ambiente, e a importância de trabalhar com uma Geografia crítica, inclusiva e conectada às

realidades locais. Aprendi que a Geografia vai além de mapas e coordenadas, ela é, na verdade, uma ferramenta poderosa para entender o mundo e contribuir para a transformação social. Essa visão crítica é algo que pretendo levar para minha prática pedagógica, sempre buscando contextualizar o ensino com as questões atuais que impactam a sociedade, como as questões ambientais, sociais e culturais.

A interação com professores, colegas e as experiências de campo me ensinaram, também, que a educação precisa ser uma prática viva, em constante evolução. Ao longo do curso, fui aprendendo que ser professora é, acima de tudo, ser alguém que aprende continuamente. As metodologias ativas, as práticas colaborativas e as discussões sobre ensino inclusivo e transformador me fizeram perceber a importância de estar aberta ao novo, de ser flexível e criativa na hora de planejar e aplicar os conteúdos.

Agora, ao concluir o curso, sinto que estou pronta para iniciar minha jornada profissional com confiança e propósito. Estou mais consciente da importância do papel do educador na formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade. O curso me preparou para atuar como professora de Geografia de maneira responsável, ética e comprometida com o aprendizado dos meus futuros alunos.

A Licenciatura em Geografia não só me forneceu os conhecimentos necessários para ensinar, mas também me fez refletir sobre o impacto que a educação pode ter na sociedade e no meio ambiente. Agora, com as ferramentas que adquiri ao longo dos anos, estou pronta para enfrentar os desafios da profissão e contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora, que atenda às necessidades de todos os alunos e que, ao mesmo tempo, respeite e valorize a diversidade de saberes presentes em nossas comunidades.

5 AGRADECIMENTOS

Primeiramente, Mãe e vó, ao concluir a Licenciatura em Geografia, não há palavras suficientes para expressar minha gratidão por tudo o que vocês representam na minha vida. A força feminina que carrego nas veias é o reflexo de vocês, que me ensinaram a importância da resiliência, do amor e da educação como caminho para a liberdade. Vocês sempre me mostraram que mulheres são capazes

de conquistar tudo o que desejam, e cada conquista minha é um reflexo do exemplo e da inspiração que vocês me deram.

Obrigada por cada conselho, por cada abraço e por nunca desistirem de mim, mesmo nos momentos mais difíceis. Vocês são meu porto seguro, minhas maiores professoras e as raízes que me sustentam. É graças a vocês que aprendi a acreditar em mim mesma e a sonhar alto.

Carrego comigo a sabedoria que vocês compartilharam, como um tesouro inestimável, e sigo em frente com a certeza de que, com o apoio de vocês, posso alcançar as maiores alturas. Este diploma é tão meu quanto de vocês, pois ele também é fruto do amor, da coragem e do apoio incondicional que sempre recebi. Eu amo vocês!

Meu pai, mesmo estando longe, seu apoio e sua crença nos meus sonhos sempre estiveram presentes em minha jornada. A força que você me transmitiu, mesmo à distância, foi essencial para que eu continuasse firme no meu propósito. Obrigada por sempre acreditar em mim e me incentivar a buscar o melhor. Sua confiança é um presente que guardo com carinho e que me motivou a chegar até aqui. Este momento é, em grande parte, também seu.

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão pela trajetória de quatro anos na Licenciatura em Geografia, uma jornada que transformou profundamente minha visão de mundo e meu papel como educadora. Em especial, agradeço à professora Neusa Maria Tauscheck, minha orientadora, minha amiga cujo acompanhamento, paciência e incentivo foram essenciais em cada etapa do meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Seu olhar cuidadoso e sua dedicação marcaram profundamente minha caminhada.

Agradeço também ao meu colega de Cataia e “coorientador” Marcos Aurélio Zanlorenzi, cuja parceria e suporte foram fundamentais para superar os desafios e enriquecer meu aprendizado. Sua presença trouxe inspiração e coragem para trilhar esse caminho com mais confiança.

Aos professores Leticia Ayumi Duarte, Airton Leitzke, Paulo Gaspar Graziola Junior e Angela Massumi Katuta, meu reconhecimento por contribuírem de maneira tão significativa para minha formação. Cada aula, debate e orientação me ajudaram a construir uma base sólida de conhecimento e a cultivar um olhar crítico e sensível para a Geografia e para o mundo.

Ao concluir essa jornada de quatro anos na Licenciatura em Geografia, não poderia deixar de expressar minha profunda gratidão a todos os colegas de turma que fizeram parte dessa caminhada. Cada um de vocês foi fundamental para tornar essa trajetória especial, compartilhando desafios, aprendizados e muitas conquistas ao longo do caminho.

Quero agradecer de forma especial a Yana Kossembe da Silva, Nicolas H. Machado e a todos os colegas que estiveram comigo nessa jornada: Anderson da Silva Modrow, Claudeci Fortunato Marques Junior, Gabrielli Campos, Graziela Thamires Soares Cogrossi, Mikael Gonçalves Barreto e Paula Castanha da Silva. O companheirismo, a dedicação e o espírito de equipe de vocês foram essenciais para superarmos os desafios que encontramos.

A Yana e ao Nicolas, minha gratidão mais sincera pela amizade e pela proximidade que construímos. Vocês foram mais do que colegas; foram parceiros que trouxeram apoio e alegria para os momentos mais difíceis e motivação nos momentos mais decisivos.

Essa conquista não é apenas minha, mas de todos nós que acreditamos no potencial de trabalharmos coletivamente e aprendermos uns com os outros. Obrigada por tudo que compartilhamos, e que nossas jornadas continuem repletas de sucesso e realizações!

Gostaria de expressar um agradecimento especial aos meus amigos de longa data, Mayara Winckler, Milton Junior e Giovane Franchesco. Vocês são muito mais do que amigos; são minha família escolhida. Obrigada por me aguentarem ao longo desses 13 anos, por estarem ao meu lado mesmo que longe nos momentos mais difíceis e por suportarem todos os perrengues comigo.

Entre tantas coisas vividas na UFPR – Palotina, a amizade de vocês são os maiores tesouros que carrego dessa fase da vida. Obrigada por cada palavra de apoio, por cada risada compartilhada e por serem essa base tão sólida e verdadeira em minha jornada. Sou imensamente grata pela família que vocês se tornaram para mim!

Por fim, quero agradecer à UFPR – Setor Litoral e a todos os que fizeram parte dessa jornada por serem parte de uma construção que não apenas me forma como professora, mas como uma cidadã mais consciente e comprometida. A todos, minha eterna gratidão!

6 ENCERRAMENTO

"A liberdade real virá quando nós nos libertarmos da dominação da educação ocidental, da cultura ocidental e do modo de vida ocidental." **GANDHI, Mahatma.**

"Educação é uma ação compulsória e forçada de uma pessoa sobre a outra. Cultura é a relação livre entre pessoas." (Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p. 73.)

"Educação é a cultura sob limitação, cultura é livre." **TOLSTOY, Leo.**

"O ódio nunca desaparece enquanto pensamentos de mágoas forem alimentados na mente." - Gautama Buda.

"Algumas pessoas sugerem que quem sabe viver no mundo são os ricos, que pobreza é responsável pela destruição do meio ambiente. Essa afirmação, além de ser racista e classista, é assassina." (Krenak, 2020, p. 66)

7 REFERENCIAS

ALMARZA, S. O legado do sistema colonial na América Latina. **Caravelle**, n. 94, p. 121–140, 2010.

BEZERRA, M. O machado que vaza ou algumas notas sobre as pessoas e as superfícies do passado presente na Amazônia. **Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 12, n. 07/2018, jul. 2018.

BRUM, E. Onde começa o círculo? In: **Banzeiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo**. [s.l.]: Companhia das Letras, 2021.

CHAPARRO, Y. L. Os cuidados com os mundos: um manifesto comum. [s.l.]: Terra Sem Amos, 2021.

CHAUÍ, M. Ideologia neoliberal e universidade. In: **Os sentidos da democracia**. [s.l.]: Vozes, 1999.

CRARY, J. **24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono**. [s.l.]: Ubu Editora, 2016.

CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: *GEOGRAFIA E GIRO DESCOLONIAL: EXPERIÊNCIAS, IDEIAS E HORIZONTES DE RENOVAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO*. Miolo_geografia_UFF.indd, p. 13-30, 30 jan. 2017.

CYRINO, M.; NETO, S. O estágio curricular supervisionado na experiência brasileira e internacional. **Revista Educação em Questão**, p. 86–115, abr. 2014.

DE FREITAS VILAS BOAS GOMES, R. S. A. M. **Geografia para ensino médio: manual de aulas práticas**. [s.l.]: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1999.

DE JESUS (TAQUARY PATAXÓ), F. M. Existência e diferença: o racismo contra os povos indígenas. **Revista Direito e Praxis**, p. 2161–2180, 11 mar. 2019.

DE OLIVEIRA, J. P. T. A eficiência e ou ineficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem. p. 01–11, [s.d.].

DE SOUZA PESSOA VERÔNICA LIMA CARNEIRO MOREIRA, A. T. As políticas educacionais e a gestão escolar: contribuições para a efetivação do direito à educação. **VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 2017.

E ESTATÍSTICA, Instituto Brasileiro de Geografia. **Manual técnico da vegetação brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

FORMOSINHO, J. A investigação-ação e a construção de conhecimento profissional relevante. In: LOYOLA, E. (Ed.). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. [s.l.]: [s.n.], p. 27–40.

GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: UNIDADES TEMÁTICAS, OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES. In: **Ciências Humanas – Geografia Ensino Fundamental**. [s.l.]: [s.n.].

HARAWAY, D. J. Ficar com o problema: antropoceno, capitaloceno, chthuluceno. In: **Antropoceno ou capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo**. [s.l.]: Elefante, 2022. p. 67–125.

HENRIQUE, V. Estrutura da escola e prática educacional democrática. [s.l.]: [s.n.].

HOOKS, B. Introdução. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. [s.l.]: WMF Martins Fontes, 2017. p. 09–24.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Schwarcz S.A., 2020.

KRENAK, A. Paisagens, territórios e pressão colonial. **Espaço Ameríndio**, p. 327–343, dez. 2015.

KRENAK, A. Pensando com a cabeça na Terra. **Anais da VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, p. 01–11, 19 maio 2017.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, A. C. D. Os desdobramentos do forró nordestino: de Luiz Gonzaga à Mastruz com Leite (1940-1991). 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/6553>. Acesso em: 20 set. 2023.

LUCIO-VILLEGAS, Emilio. A construção da cidadania participativa através da educação. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 20, p. 13-29, 2023.

MACIEL, G. N. O Programa Nacional do Livro Didático e as mudanças nos processos de avaliação dos livros de Geografia. **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, v. 01, p. 231–250, out. 2014.

MENES, Maria Paula. Diálogos de saberes, debates de poderes: possibilidades metodológicas para ampliar diálogos no Sul Global. *Em Aberto*, Brasília, v. 27, n. 91, p. 90-110, jan./jun. 2014.

NEVES, D.; GRECO, R.; GIROTTO, E. Ensino de Geografia e o raciocínio geográfico: entre confrontos e ressignificações. **Geografia Ensino e Pesquisa UFSM**, p. 01-20, 19 jul. 2022.

PERUZZO, C. Metodologia, métodos, técnicas pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporâneas**, v. XXIII, p. 161–190, 2017.

PONTUSCHKA, N. N. A Geografia como ciência da sociedade e da natureza. In: **Para ensinar aprender Geografia**. [s.l.]: [s.n.].

PRIVATIZAÇÃO E MILITARIZAÇÃO: AMEAÇAS RENOVADAS À GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA. **Revista Educação & Sociedade**, v. 37, n. 134, p. 1–7, 2016.

REGAZZONI, Q. A relação entre o Reino pregado por Jesus e o conceito de Vida Boa dos povos indígenas. **IHU On-Line: Instituto Humanitas Unisinos**, p. 14–18, 23 ago. 2010.

ROSS, J. L. S. Relevo brasileiro: uma nova proposta de classificação. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 4, p. 25–39, 2011.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados LTDA, 2013. 472 p.

SOUZA, A. et al. A escrita de diários na formação docente. **Educação em Revista**, p. 181–210, mar. 2012.

SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. O conceito de território no Brasil: entre o urbano e o rural. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, p. 84–112, 12 dez. 2016.

STANDING, G. O precariado. In: **O precariado: a nova classe perigosa**. [s.l.]: Autêntica, 2014. p. 15–48.

STANDING, G. O precariado e a luta de classes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2, 2014.

SUERTEGARAY, D. M. A. Um antigo debate (a divisão e a unidade da geografia) ainda atual?. **Boletim Paulista de Geografia**, [S.l.], n. 85, p. 29–38, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/769>. Acesso em: 12 jun. 2023.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, p. 05–21, fev. 2000.

VISTA DO O ESTADO COMO FAZENDA DE DOMESTICAÇÃO. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/76/72>. Acesso em: 02 fev. 2023.

Documentários

Argentina Acorralada

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DdcduUt_Alo

Dónde está América Latina? Disponível em: https://curtadoc.tv/curta/direitos-humanos/onde-esta-america-latina_percal/

Alberto Acosta: O Bem Viver Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h4yK2ugTvWQ>

ENTRE SABERES: a educação pública no Brasil. [Documentário], 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ID_DO_VÍDEO. Acesso em: 24 jul. 2024.

ESCOLARIZANDO O MUNDO. [Documentário]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ID_DO_VÍDEO. Acesso em: 24 jul. 2024.

Rede TVT. Uberização do trabalho: documentário discute a precarização pós-reforma. Youtube, 2020. Disponível em: Uberização do trabalho: documentário discute a precarização pós reforma - YouTube<